



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

BRUNO BRUNETT VASCONCELOS MANGUEIRA

**A ATEOLOGIA DE JEAN MESLIER: UM PADRE MATERIALISTA
E ATEU**

João Pessoa – PB

2018

M277a Mangueira, Bruno Brunnett Vasconcelos.

A ateologia de Jean Meslier : um padre materialista e
ateu / Bruno Brunnett Vasconcelos Mangueira. - João
Pessoa, 2018.

74 f.

Orientação: Fabrício Possebon.

Coorientação: Eduardo Chagas.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Ateísmo. 2. Agnosticismo. 3. Padre ateu. 4. Jean
Meslier. I. Possebon, Fabrício. II. Chagas, Eduardo.
III. Título.

UFPB/BC

BRUNO BRUNETT VASCONCELOS MANGUEIRA

**A ATEOLOGIA DE JEAN MESLIER: UM PADRE MATERIALISTA E
ATEU**

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Sob Orientação do professor Dr. Fabrício Possebon e co orientação do professor Dr. Eduardo Chagas.

João Pessoa – PB

2018

BRUNO BRUNETT VASCONCELOS MANGUEIRA

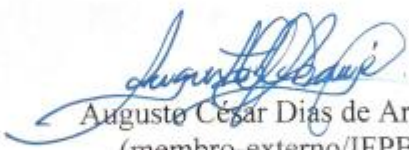
A ATEOLOGIA DE JEAN MESLIER: UM PADRE MATERIALISTA E ATEU

Trabalho de Dissertação de Mestrado
apresentado como pré-requisito para obtenção do
grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões pela Universidade
Federal da Paraíba – UFPB.

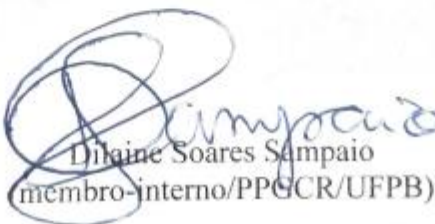
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Fabricio Possebon
(orientador/PPGCR/UFPB)



Augusto César Dias de Araujo
(membro-externo/IFPB)



Dilaine Soares Sampaio
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

João Pessoa, PB, 13 de Dezembro de 2018

Dedico este trabalho a todos os que contribuíram de forma direta e indireta; em especial a meu filho Arthas Brunnett que espero um dia poder ler este trabalho e a Lúdia Byanca que me apoiou nessa árdua e cansativa jornada.

Agradeço a todos que contribuíram com seus conhecimentos na construção deste trabalho, meus mais próximos amigos do Mestrado e do Doutorado deste curso, que iluminaram minha mente durante os mais diversos tipos de discussões que tivemos.

A todos os integrantes que participaram desta banca avaliadora para a conclusão deste trabalho, os quais foram de muita ajuda em cada ponto levantado e a cada cobrança feita.

A Lídia Byanca, pelo apoio nos momentos complicados do desenvolvimento deste trabalho, assim como em outros momentos.

Aos autores que utilizei como fonte teórica neste trabalho, ao filósofo e autor brasileiro, Paulo Jonas de Lima Piva, que me fez conhecer e despertar interesse sobre o tema, ao próprio Voltaire e também Jean Meslier que só aprofundaram esse interesse e curiosidade no tema.

RESUMO

O termo ateísmo sempre foi usado com as mais variadas conotações possíveis, em sua grande maioria, como forma de atacar ou diminuir outro indivíduo. Com o passar dos anos o termo vai tomando um sentido filosófico mais estruturado. Diante disso, há a necessidade de se entender o que motiva tais usabilidades e suas mudanças. Esta busca nos leva à um Padre, Materialista e Ateu francês de nome Jean Meslier. Este trabalho tem como objetivo entender a construção do pensamento do padre, que tem como principal característica o forte ataque, não só ao cristianismo, mas a todas as formas de teísmos. Diante desta importante figura para o cenário filosófico iluminista francês, temos também o conhecido Voltaire envolvido, no qual atribui um posicionamento deísta ao padre. Contrário ao entendimento da presença do deísmo em Jean Meslier, estão diversos autores, inclusive um brasileiro, assim como este trabalho. Para podermos realizar uma análise coerente e concisa em relação à essa problemática existente através de Voltaire, utilizaremos aqui fragmentos, compilações e transcrições do testamento e algumas outras anotações deixadas por Jean Meslier, no qual escreveu e ocultou tudo até a sua morte, sob medo de ser queimado. As análises desses manuscritos deixam claras que o ateísmo é um pensamento presente de forma explícita na filosofia do padre, para isto é necessária a abordagem sobre as questões envolvendo Ateísmo, Agnosticismo, Teísmo, Deísmo e até mesmo o Protestantismo, que na época surgia e ganhava poder de forma ágil. Há também a necessidade de se abordar os tipos de ateísmos para facilitar ainda mais o entendimento dos pensamentos adotados e posturas praticadas pelo padre.

Palavras-Chave: Ateísmo; Agnosticismo; Padre Ateu; Jean Meslier.

ABSTRACT

The word atheism was always used with the most varied connotations possible, in its most majority, as a way to attack or diminish another individual. Over the years the word takes to a more structured philosophical meaning. On the face of it, there's a need to understand what motivates this usability and its changes. This search takes us to a French Materialist and Atheist Priest, that has the main feature the strong attack, not only to the Christianity, but to all forms of theisms. On the face of this important icon to the French illuminist philosophical scenario, we have the known Voltaire involved, in which assigns a deist thought to the priest. Contrary to the understanding of the presence of the deism in Jean Meslier, there are various authors, including a Brazilian, as well as this work. To we can do a coherent and concise analysis of this existing problem through Voltaire, we'll use here fragments, compilations and transcriptions of the testament and others annotations leave by Jean Meslier, in which wrote and hided everything until your death, in afraid of being burned. The analysis of these manuscripts makes clear that the atheism is a present thought in explicit form in priest's philosophy, to this is necessary the approach over questions involving Atheism, Agnosticism, Theism, Deism and even the Protestantism, that at the time emerged and gained power so fast. There is too the necessity of approach the atheism types to ease even more the understanding of the thoughts adopted and postures practiced by the priest.

Keywords: Atheism; Agnosticism; Atheist Priest; Jean Meslier

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UM PADRE REVOLTADO, RELIGIÃO E ATEÍSMO	13
1.1. JEAN MESLIER, O PÁROCO FRANCÊS	16
1.2. RELIGIÃO, TEÍSMO, DEÍSMO E SEUS AMPLOS CONCEITOS	19
1.2.1. RELIGIÃO	21
1.2.2. TEÍSMO, DEÍSMO E A RELIGIÃO NATURAL	25
1.3. ABORDAGEM FILOSÓFICA, HISTÓRICA, ETIMOLÓGICA E EPISTEMOLÓGICA DO ATEÍSMO	28
1.3.1. ATEÍSMO ANTIGO (PRÉ SÉCULO XVII)	30
1.3.2. ATEÍSMO FILOSÓFICO OCIDENTAL (PÓS SÉCULO XVII).....	35
2. A VIDA CLERICAL DE JEAN MESLIER.....	43
2.1. TEOLOGIA E CATEQUESE	43
2.2. REVOLTA, MATERIALISMO, SOCIALISMO E COMUNISMO	48
2.3. POSICIONAMENTOS E ARGUMENTAÇÕES	51
3. FILOSOFIA, PROBLEMÁTICAS E RECONHECIMENTOS EM JEAN MESLIER.....	59
3.1. VOLTAIRE: PARTICIPAÇÕES E POLÊMICAS SOBRE JEAN MESLIER ...	60
3.2. TEÍSMO, DEÍSMO OU ATEÍSMO?	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	72

INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com estudos acadêmicos relacionados ao ateísmo, vemos um grande déficit na devida atenção sobre este objeto de extrema importância para entendermos a construção das civilizações, assim como a relevância em estudar as religiões, já que toda sociedade cresce de alguma forma baseado em mitos fundadores, ritos e rituais, em um certo grau. Apesar de no campo das religiões haver os mais diversificados estudos, quando nos voltamos para o ateísmo, essa área torna-se extremamente escassa e, ao levarmos em conta o contexto brasileiro a situação torna-se ainda pior. Majoritariamente em nossa sociedade brasileira o termo ainda possui uma conotação extremamente pejorativa, tratada em quase que sua totalidade como um adjetivo para as mais variadas formas de ofensa. Esta situação de escassez de estudos sobre ateísmo, me despertou cada vez mais interesse sobre a importância do tema, já dentro da academia tornou-se o principal objeto de pesquisa de meu Trabalho de Conclusão de Curso (MANGUEIRA, 2014) para a graduação em Ciências das Religiões pela UFPB, o qual utilizaremos aqui também como base para esta abordagem, a fim de enriquecer este trabalho com um pouco de conhecimento já adquirido previamente. Servindo ainda mais como catalizador, à medida que a educação brasileira se deteriora com o passar dos anos, com a crescente onda de extremismos, fundamentalismos e os recém acontecimentos políticos, tanto no aspecto educacional, como da política em si, assim como no religioso, essa motivação cresce proporcionalmente, nascendo mais esse fruto de estudo, que diga-se de passagem, de um objeto bem raro no âmbito internacional e, observarmos o cenário nacional não poderia ser diferente, a situação é ainda pior.

Arelado à importância de se analisar os reflexos do ateísmo em seu sentido filosófico, precisamos também entender o pensamento de peças fundamentais para o desenvolvimento e estruturação do objeto, tratando-se por esse viés, um ateísmo em sentido filosófico. Uma das mais marcantes figuras para este ateísmo contemporâneo, para muitos autores visto como a mais importante, é o padre francês Jean Meslier, nomeado por diversos autores utilizados neste trabalho como “O Primeiro Ateu” de forma explícita, no sentido estrito e filosófico do termo. Meslier, nascido na província de Mazerny foi logo inserido no clero por seus pais, mudando-se posteriormente para a província de Étrépigny, onde atuou como padre durante toda sua vida e também escreveu sobre seus pensamentos e posicionamentos, de forma oculta, pelo restante dela.

Graças à um filósofo de pseudônimo Voltaire, abre-se um debate sobre o ateísmo existente nos posicionamentos do padre. Voltaire alega que Jean Meslier teria sido um deísta,

deixando um testamento que pedira por perdão a Deus por ter ensinado durante toda sua vida o cristianismo católico. Esse debate perdurou durante esses quase três séculos, havendo praticamente um consenso afirmando que o deísmo existente nos posicionamentos do padre é fruto de uma deturpação criada por Voltaire a fim de atingir seus objetivos particulares. Para os pensadores e autores que abordam sobre este tema em específico, autores estes que veremos logo em seguida na explicação sobre o segundo capítulo, o ateísmo em Jean Meslier é claro e explícito, como abordaremos aqui neste trabalho essas duas perspectivas, a fim de entendermos de fato o cerne dessas afirmações, tanto em prol do deísmo, quanto do ateísmo.

Para conseguirmos entender muitas das questões abordadas aqui, principalmente para afirmarmos um posicionamento ateu neste curioso padre francês, precisamos primeiramente entender a construção desse processo filosófico ateu durante as gerações de nossas civilizações, assim como a necessidade em definir um foco para o conceito de religião adotado nas análises, como também para os termos teísmo e deísmo. Para isto, utilizaremos como principal base o termo que dá título a este trabalho, a palavra “*ateologia*”, conceito trabalhado pelo autor Michel Onfray em sua obra *Tratado de ateologia* (2007), onde faz um trabalho de identificação e abordagem sobre o ateísmo, tratando-o de forma similar ao que se faz com o conceito de teísmo, porém às avessas, lidando com a descrença como forma de estudo e conhecimento.

No primeiro momento deste primeiro capítulo abordaremos de forma muito sucinta, já que o material é praticamente inexistente, sobre a vida prévia de Jean Meslier, infância, acontecimentos, curiosidades, episódios marcantes e informações úteis que influenciem de certa forma o contexto de variantes na construção dos posicionamentos e pensamentos do padre. Posteriormente, em nosso segundo momento deste primeiro capítulo, abordaremos questões fundamentais para se dialogar e afirmar o objetivo deste trabalho, o ateísmo explícito no padre francês Jean Meslier. Será feito uma abordagem a fim de esclarecer sobre a questão da definição do termo religião utilizado aqui, assim como uma pequena abrangência das possibilidades do termo, a fim de evitar quaisquer possíveis classificações equívocas, porém, como não será um grande foco deste trabalho devido à complexidade e extensão do debate relacionado à esta problemática, faremos apenas essa abordagem conceitual a fim de estabelecer um critério coerente para análise dos argumentos e pensamentos do padre francês, nada além disto. Ainda neste segundo momento, abordaremos também sobre uma outra questão totalmente pertinente e necessária para este tipo de debate da época, longe de querer esboçar uma duradoura discussão sobre, pois, este tema por si só já daria um trabalho gigantesco, faremos uma rápida argumentação sobre os conceitos de *teísmo* e *deísmo* para podermos entender do que se trata as afirmações feitas por Voltaire, além de dar uma fundamentação mais consistente às análises

aqui feitas. Em um terceiro e último momento deste primeiro capítulo veremos o processo de evolução etimológica e epistemológica do termo *ateu/ateísmo* desde a Grécia Antiga até os dias atuais através da ótica de autores como Paulo Piva, George Minois, Michel Onfray, Michael Martin, André Comte-Sponville, André Cancian, John Lubbock e Edward Tylor. Entenderemos, portanto, o motivo do termo ser utilizado em sua grande maioria de forma pejorativa até os dias atuais, além das diversas utilizações que foram feitas ao longo deste tempo, veremos as diferenças entre os tipos de pensamentos ateístas e suas atribuições, assim como a estruturação dessas distinções entre as formas de abordagem que surgiram à medida que o debate tornou-se cada vez mais extenso e complexo.

Partindo para o segundo capítulo, focaremos mais precisamente na construção do pensamento de Jean Meslier, método e perspectiva teológica, atuação no clero, racionalismo, materialismo, socialismo, comunismo, posicionamentos, influências, críticas e filosofias. Neste momento poderemos ver o que pensa o nosso padre francês, como se dá a construção de suas posturas e entendimentos através dos arquivos deixados em seu testamento, para isto utilizaremos além da língua original, o francês, textos traduzidos para o inglês, a fim de diversificar, ampliar o entendimento e aprofundar o conhecimento ainda mais. Devido a poucos acontecimentos em sua vida enquanto jovem, além da dificuldade em se obter dados sobre a mesma, nos prenderemos a alguns poucos trabalhos escritos por Voltaire, Barão d'Holbach, Meijer, Dommanget, Desné, Deprun, Soboul e Piva, que embora poucos, são extremamente extensos e muito bem fundamentados. Mesmo com grandes e valiosas contribuições destes autores, ainda pouco se tem sobre o tema, como é afirmado por vários desses autores, Jean Meslier é intencionalmente oculto da história francesa por fazer duras críticas ao cristianismo, tendo alguns dos mais valiosos trabalhos feitos na Rússia, sendo retomado em sua terra natal pouco menos de um século atrás.

Finalmente chegando no terceiro e último capítulo, atingimos o objetivo principal deste trabalho, a argumentação em prol da afirmação do ateísmo explícito em Jean Meslier, negando os posicionamentos levantados por Voltaire, que argumentava um deísmo. Embora em contexto isolado muitas das colocações expostas por Jean Meslier possam realmente aparentar um deísmo, algumas outras vezes também aparentam mais um protestantismo do que um ateísmo de fato, não podemos fazer análises através destes contextos isolados, pois o pároco francês é fruto de um meio, influenciado e influenciador do mesmo, é um ser completo e assim deve ser analisado. Meslier não faz apenas duras críticas ao sistema religioso cristão em sua totalidade, ele faz duras críticas diretamente a qualquer sistema de pensamento que não seja baseado no materialismo, portanto, todo e qualquer tipo de religião, tendo sido influenciado principalmente

pelo pensamento racionalista de Descartes, o materialismo baseado e fortalecido pelos argumentos neste racionalismo é o carro chefe do padre, suas afirmações acusam diretamente todo tipo de pensamento que não parta pela premissa de que o mundo é material e o transcendental não passam de ilusões infantis de mentes perturbadas. Essas e outras afirmações, algumas delas bem mais pesadas, nos faz entender Jean Meslier como um ateu de forma explícita em todos os sentidos possíveis, além disto, visto também pelos autores já citados anteriormente aqui, como o primeiro comunista, impulsionador do Iluminismo¹ francês.

¹ Também chamado de “Séculos das Luzes”, foi um movimento filosófico intelectual que tinha como centro a razão. Tido por muito como a França do século XVII sendo sua precursora e principal difusora, dominou o pensamento intelectual europeu (apesar de pequenas divergências entre os pensamentos de algumas nações) entre os séculos XVII e XVIII.

1. UM PADRE REVOLTADO, RELIGIÃO E ATEÍSMO

Georges Minois (1946-), em sua obra intitulada *História do Ateísmo* (MINOIS, 2014), obra de suma importância para o entendimento do ateísmo ao longo das diferentes épocas e conotações utilizadas, afirma que o ateísmo como forma de negação ao divino é um pensamento inerente às civilizações quando argumenta que: “a humanidade, em suas origens, é ateia, isto é, não tem a mínima ideia de um mundo divino qualquer” (MINOIS, 2014, p. 12), portanto já existiria antes mesmo do próprio cristianismo, afirmado por sábios indianos². Essa inerência ateia no início dos tempos é também afirmada por John Lubbock (1834-1913), que em sua obra *The origin of civilisation and the primitive condition of man: Mental and social condition of savages* (LUBBOCK, 1898) faz essa afirmação baseado em um conceito evolucionista e progressista de pensamento religioso, fundamentando seu pensamento a partir da argumentação em uma perspectiva agnóstica do ateísmo, perspectiva essa baseada na ignorância e no desconhecimento, ou seja, um Ateísmo Implícito (exemplificaremos melhor sobre os tipos de pensamentos ateístas mais adiante), no qual o indivíduo não tem um posicionamento afirmativo e explícito de um conceito de deidade. Tal concepção progressista apresentada por Lubbock (1898, p. 209-210) se dá através do seguinte processo de evolução do pensamento religioso: Ateísmo (*agnóstico*), Fetichismo, Totemismo, Xamanismo e por fim o Antropomorfismo. É possível perceber também esse posicionamento através de sua afirmação de que “é claro que religião, exceto nas mais avançadas raças, não tem influência ou aspecto moral”³ (LUBBOCK, p. 406, tradução nossa), nos fazendo necessário a abordagem sobre conceitos de *Religião*, devido a suas mais diversas definições possíveis, o que de certa forma acaba criando uma confusão nos termos, portanto, deixaremos claro a pertinência de cada termo utilizado em seus respectivos momentos. Na mesma época, Edward Tylor (1832-1917), como bem aborda Minois, faz uma colocação intrigante que mostra ainda mais o quão é necessário a análise e definição sobre qual conceito do termo *religião* é mais pertinente. Assim, Tylor afirma que “esses povos, [...] ignoram nossa concepção de Deus, mas isso não quer dizer que não tenham uma concepção de Deus.” (MINOIS, 2014, p. 12). Aqui já podemos perceber que há um problema com as concepções abordadas, há uma divergência nos sentidos, o que resultará também em um problema maior com o termo *ateu* em suas definições utilizadas durante os mais

² Apesar de não deixar estritamente claro, provavelmente nesta afirmação Minois esteja se referindo à filosofia Carvaka. Filosofia indiana que nega os textos védicos, possui posicionamento e argumentação exclusivamente materialista, negando a sacralidade e as questões transcendentais, afirmando que estes Vedas (compilação de quatro obras védicas separadas, textos considerados sagrados e utilizados como base pelas religiões hindus: Rigveda, Yajurveda, Samaveda e Atarvaveda.) não são pensamentos válidos devido ao seus posicionamentos baseados em sistemas de crenças, levando-os ao campo da religião.

³ “It is clear that religion, except in the more advanced races, has no moral aspect or influence.”

diferentes períodos históricos, portanto, este problema não se restringe exclusivamente ao termo *religião*. Entendendo isto, torna-se necessária, além da abordagem dos conceitos de *Religião*, também sobre o termo *Ateísmo/Ateu*, para podermos entender melhor sobre o que se trata em suas mais variadas usabilidades, tornando possível assim a problematização destes e outros conceitos ligados ao objeto, conforme veremos adiante.

Percebendo então a necessidade da abordagem das mais diversas bases de conhecimento para essas questões primárias ao tema, podemos procurar entender melhor e desmistificar a imagem acerca de um curioso padre francês, Jean Meslier (1664-1729). Aqui chegaremos ao ponto chave deste trabalho. Devido ao fato de não haver disponibilidade de nenhuma tradução para o português dos documentos relacionados a este padre do século XVII e XVIII⁴, o que consta são apenas alguns pequenos e vagos trabalhos, além de uma única bela obra intitulada *Ateísmo e Revolta* escrito pelo filósofo brasileiro Paulo Piva (2006), como bem afirma o próprio filósofo:

No Brasil, como era de se esperar, Meslier não figura no cenário intelectual. Ele praticamente inexistente como pesquisa ou publicação. Não há no país nenhuma dissertação ou tese, concluída ou em andamento, com exceção desta, que tenha como objeto exclusivo de estudo a sua doutrina. (PIVA, 2006, p. 70)

De lá pra cá a coisa não mudou muito e além desta obra do filósofo, fora escrito um curto capítulo dentro do segundo volume do livro *Filosofia Clandestina* (MESLIER. In: SCHÖPKE; BALADI, 2011) editado por Regina Schöpke, além de duas traduções para o português de Portugal feitas até hoje, porém, ambas esgotadas e de raríssimo acesso, uma delas feita pelo padre Antônio Pereira da Conceição, e outra, lançada em 2003 pela editora portuguesa *Antígona*. Desta forma, a maior parte das informações ligadas a Jean Meslier aqui utilizadas se dão através de materiais quase inexistentes e custosamente acessáveis, sendo assim, serão utilizadas versões em francês (língua original) e em inglês (traduções) das transcrições, republicações e comentários de seus escritos póstumas.

Os manuscritos deixados por ele em sua moradia foram primeiramente transcritos e comentados pelos autores Voltaire (1694-1778), Barão d'Holbach (1723-1789) e François de Fenelón (1651-1715). As contribuições de Voltaire e Barão d'Holbach foram traduzidas no século posterior, para o inglês, pela autora Anna Knoop (-1889). Posteriormente surge mais uma obra comentada do autor holandês Rudolf Meijer (1826-1904) intitulada *Le Testament de*

⁴ Foram realizadas pesquisas em bancos de dados sobre livros, artigos e materiais ligados ao padre. Pesquisas realizadas no Google, Amazon, SciELO e outras plataformas no dia 05 de outubro de 2018.

Jean Meslier: Curé d'Étrepigny et de but en Champagne, décédé em 1733 (MEIJER, 1864). Outras duas raríssimas obras sobre os pensamentos de Meslier foram publicadas na França, uma delas publicada em 1970, trabalho em conjunto dos pensadores Roland Desné⁵ (1931-), Jean Deprun⁶ (1923-2006) e do historiador Albert Soboul⁷ (1914-1982), com diversos comentários, além da adição de três prefácios e vários documentos ligados a Meslier, assim com o trabalho feito por Meijer, esta é uma enorme contribuição para o estudo e conhecimento deste padre, dividida em 3 volumes com mais de 400 páginas cada um deles, é um trabalho profundo. Outra obra, esta resultante de uma monografia feita por Maurice Dommanget⁸ (1888-1976), repleta de comentários sobre o pároco francês, obra intitulada *Le curé Meslier: athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV* (DOMMANGET, 1965), um trabalho de extrema importância para um estudo minimamente digno, como também afirma Piva:

Esboçar uma biografia pormenorizada de Meslier é uma tarefa impossível, pelo menos até o momento. Faltam dados e sobram incertezas. Contudo, a principal referência sobre a sua biografia são indubitavelmente as pesquisas de Dommanget. (PIVA, 2006, p. 73)

O motivo da raridade desses materiais sobre Jean Meslier, segundo Piva, dá-se pelo fato de que até 1968, seu nome sequer “constava nos manuais escolares franceses de filosofia ou de história.” (PIVA, 2006, p. 65). Portanto, serão utilizadas essa tradução para o inglês, além dos materiais em francês de todos estes renomados pensadores, a fim de aumentar, dar mais fontes de estudo para melhor fundamentar os posicionamentos e fortalecer as análises do material disponível. É necessário reforçar que os materiais para análises utilizados não são os originais deixados pelo padre, pois esse material já inexistente há muito tempo. Segundo afirma Voltaire em seus comentários feitos na transcrição de Jean Meslier, foram encontrados manuscritos em forma de testamento em sua casa, após sua morte, sendo assim, o melhor método para fortalecer o processo de análise dos seus pensamentos é comparando as transcrições destes que tiveram acesso à esses materiais, a fim de diminuir o máximo possível o grau de ruído nas informações, além de levar em conta e analisar os comentários feitos por esses autores, Voltaire, Barão d’Holbach, François de Fenelón, Meijer, Desné, Deprun, Soboul e Dommanget, assim como os estudos de pessoas que já abordaram esse tema, Piva, Minois e alguns outros.

⁵ Filósofo francês com foco na literatura francesa.

⁶ Historiador da filosofia, francês, especialista nos períodos de pré-revolução, revolução francesa e iluminismo.

⁷ Historiador francês especialista em revolução francesa.

⁸ Também um historiador francês especialista em revolução francesa.

Neste primeiro contato é necessário conhecer melhor em que tipo de contexto está inserido Jean Meslier, para melhor coerência na análise sobre seus pensamentos neste trabalho, para posteriormente realizarmos a abordagem dos mais variados posicionamentos possíveis do pensamento ateu, é necessário fazer uma abordagem cronológica e epistemológica do termo. Para esta árdua tarefa traremos algumas contribuições já feitas anteriormente em minha monografia *Ateísmo e Filosofia: Sentido filosófico e histórico* (MANGUEIRA, 2014), tomando como base alguns pensadores que contribuíram para o entendimento do ateísmo no sentido amplo, assim como no seu sentido filosófico, além de trazer alguns outros autores (que não foram incluídos naquele momento) para fundamentar melhor o entendimento sobre esses posicionamentos e visões, tornando possível em nosso último momento adentrar de fato nos posicionamentos, pensamentos e argumentos deste importante padre francês para a história contemporânea, vendo também que é de se espantar o fato de que embora esteja estritamente ligado a primórdios de muitos dos pensamentos contemporâneos, seu nome seja tão oculto na história ocidental. Posicionamentos, que viriam a se tornar pilares de grandes ideologias difundidas nas recentes décadas, como por exemplo o Socialismo e Comunismo, são sequer abordados com estudos dignos e sua devida importância, salvo os citados anteriormente.

1.1. JEAN MESLIER, O PÁROCO FRANCÊS

Jean Meslier (1664-1729)⁹, nascido na vila de Mazerny, situada no ducado de Rethel, era filho de Gerard Meslier, um fazendeiro, tecelão e comerciante ligeiramente renomado nas redondezas. Sua infância é um mistério devido à falta de documentos, sabe-se apenas que foi padrinho de sua irmã aos 8 anos de idade e que mais tarde entrou na vida clerical do seminário a pedido dos pais, e passou a morar por maior parte da sua vida na província de Étrépigny, situada na região de Champagne, onde atuou no clero até sua morte. Para conhecermos melhor este indivíduo nada melhor do que trazer as palavras de um dos envolvidos em uma das transcrições de seu testamento, o filósofo iluminista Voltaire:

Jean Meslier, nascido em 1678, na vila de Mazerny, dependência do ducado de Rethel, [...] mesmo assim perseguiu seus estudos e sucedeu ao sacerdócio. No seminário, onde ele viveu com muita regularidade, ele dedicou-se ao sistema de Descartes. [...] ele era notável pela austeridade de seus hábitos. Devoto em todos os seus deveres, todo ano deixava o resto de seu salário para os pobres de sua paróquia; entusiástico, e de uma

⁹ Há uma divergência de datas de nascimento e morte de Meslier. A data mais utilizada é entre os anos 1664-1729, tendo vivido por 65 anos, apesar de divergir dos escritos por Voltaire, que utiliza os anos 1678-1733, vivendo por 55 anos, esta primeira data é utilizada por autores que fizeram um exímio trabalho bibliográfico e escreveram sobre Jean Meslier, portanto, será a utilizada aqui neste trabalho.

rígida virtude, ele era muito moderado, tanto em relação a seu apetite, quanto em relação às mulheres. [...] Ele morreu no odor da santidade no ano de 1733, cinquenta e cinco anos de idade. Acredita-se que, desgostoso com a vida, ele expressamente recusou a comida necessária, porque durante sua doença ele não queria tomar nada, nem sequer uma taça de vinho.¹⁰ (MESLIER, 1878, p. 8, tradução nossa)

O ingresso de Meslier na vida clerical aconteceu bem cedo, com o passar dos anos, vendo as mais diversas atrocidades cometidas pelos homens, o padre passa a moldar seus pensamentos cada vez mais à descrença, aliado à um forte materialismo influenciado pelos posicionamentos racionalistas de René Descartes¹¹ (1596-1650). Em um período em que a França era completamente controlada pelo poder clerical, igreja e estado formavam um único poder administrativo, poder esse em sua grande maioria abusivo e autoritário, inclusive por parte dos duques, barões, etc., não só do clero, a melhor forma de se estar protegido desse sistema é fazendo parte dele. Meslier utilizava essa forma como fonte de sustento, sobrevivência e apoio social, o padre, segundo transcritos e opiniões de Voltaire, possuía costumes irretocáveis, fazendo caridade por diversas vezes, além disso, era muito sóbrio, tanto no apetite como em relação às mulheres. Não possuiu uma vida de muitos destaques, a não ser pelo envolvimento em um conflito com o senhor Antoine de Touilly¹² quando, ao tentar defender camponeses dos maus tratos do senhor de sua aldeia foi fortemente repreendido pelo arcebispo local a pedido do próprio Antoine, tal pedido fez com que este arcebispo tenha exigido a presença do padre em Donchery¹³ para lá ser severamente repreendido. Após este episódio, nada mais de notável teria acontecido em sua vida, acredita-se que pelo medo em sofrer outra repressão ou até mesmo alguma punição mais severa, o que era bem comum acontecer, como é perceptível em um trecho de seu testamento:

Vocês sabem, meus irmãos, o meu desprendimento. Eu não sacrifico minha crença a nenhum vil interesse. Se eu abracei uma profissão tão diretamente oposta aos meus sentimentos, não foi por cupidez. Eu obedeci à minha família. Eu teria preferido vos esclarecer isso mais cedo, se tivesse podido fazer isso de forma segura. Vocês são testemunhas do que eu afirmo. Eu não desonrei meu ministério exigindo os pagamentos, no qual vocês são parte disto.¹⁴ (MESLIER, 1878, p. 9, tradução nossa)

¹⁰ “Jean Meslier, born 1678, in the village of Mazerny, dependency of the duchy of Rethel, [...] he nevertheless pursued his studies and succeeded to the priesthood. At the seminary, where he lived with much regularity, he devoted himself to the system of Descartes [...] he was remarkable for the austerity of his habits. Devoted in all his duties, every year he gave what remained of his salary to the poor of his parishes; enthusiastic, and of rigid virtue, he was very temperate, as much in regard to his appetite as in relation to women. [...] He died in the odor of sanctity in the year 1733, fifty-five years old. It is believed that, disgusted with life, he expressly refused necessary food, because during his sickness he was not willing to take anything, not even a glass of wine.”

¹¹ Filósofo, físico e matemático que viveu entre os séculos XVI e XVII

¹² Senhor comandante da aldeia em que vivia Meslier.

¹³ Pequena cidade situada no nordeste da França, na região denomina por Grande Leste.

¹⁴ “You know, my brethren, my disinterestedness; I do not sacrifice my belief to any vile interest. If I embraced a profession so directly opposed to my sentiments, it was not through cupidity. I obeyed my parents. I

Neste momento já necessitamos de uma atenção especial diante do seu argumento “uma profissão tão diretamente oposta aos meus sentimentos”, podemos perceber aqui um certo grau de divergência entre sua filosofia pessoal e sua prática clerical, tais problemáticas serão abordadas de forma mais aprofundada posteriormente. Em sua morte, Meslier teria doado todas as suas posses (que não eram muitas) a seus paroquianos, assim como vimos anteriormente, foi encontrado “em sua casa três manuscritos, cada um contendo trezentas e sessenta e seis páginas, todas escritas por sua mão, assinado e intitulado por ele, ‘Meu Testamento’.”¹⁵ (MESLIER, 1878, p. 8, tradução nossa), destinados à seus paroquianos e ao advogado M. Leroux¹⁶ do parlamento de Mézières, além disto, duas outras cartas foram escritas destinadas à padres da vizinhança, para informá-los deste testamento, comunicando-os que havia enviado à chancelaria de Sainte-Menehould, com medo de que fossem suprimidas. Tendo utilizado nada mais que uma bíblia, um M. Montaigne¹⁷ (1533-1592), um Moreri¹⁸ (1643-1680), um *Tratado*¹⁹ de Fenelón²⁰ (1651-1715), as *Reflexões*²¹ de Tournemine²² (1661-1739) e alguns padres para fundamentar seu pensamento contra a igreja e o pensamento religioso. Na mesma época, na Inglaterra, viveu um outro padre, de nacionalidade inglesa, chamado Thomas Woolston (1668-1733) conhecido por ter posicionamentos similares ao de Jean Meslier, porém, nas palavras de Voltaire, o mesmo seria algumas vezes indulgente, já Meslier, nunca. Woolston também teria atacado a igreja e Jesus Cristo ainda enquanto esteve vivo, tendo publicado e vendido em Londres, em sua própria casa, sessenta mil cópias de seus *Discursos* contra os milagres de Jesus Cristo, Meslier não o teria feito em vida por não desejar ser queimado antes de sua morte. Como bem aborda Minois afirmando que Meslier viu padres pagarem com a vida devido a posições antirreligiosas:

would have preferred to enlighten you sooner if I could have done it safely. You are witnesses to what I assert. I have not disgraced my ministry by exacting the requitals, which are a part of it.”

¹⁵ “[...] in his house three manuscripts, each containing three hundred and sixty-six pages, all written by his hand, signed and entitled by him, ‘My Testament.’”

¹⁶ Além de advogado era procurador do parlamento de Mézières.

¹⁷ Jurista, político, filósofo e escritor francês vivido no século XV cujo tinha o humanismo francês como posicionamento, tendo como maior obra seus *Essais* [Ensaaios] publicados em três volumes.

¹⁸ Louis Moréri, escritor, teólogo e filósofo cujo obra mais conhecida é a *Le Grand Dictionnaire historique, ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane*, no qual teria sido influência para Pierre Bayle fundamentar seus pensamentos ateístas.

¹⁹ Obra intitulada *Traité de l'existence de Dieu* [Tratado da existência de Deus] publicada em 1713, havendo uma nova edição republicada em 1878. Algumas publicações utilizam o nome *Démonstration de l'existence de Dieu*.

²⁰ François Fénelon, arcebispo de Cambrai, teólogo, poeta, escritor e pertencente a Academia Francesa de Letras, tendo vivido entre os séculos XVII e XVIII.

²¹ Obra intitulada *Réflexions sur l'athéisme* [Reflexões sobre o ateísmo], no qual foi iniciada como um prefácio do livro *Traité de l'existence de Dieu* [Tratado da existência de Deus] (1713) escrito por Fénelon.

²² René-Joseph de Tournemine, teólogo jesuíta e filósofo francês vivido entre os séculos XVII e XVIII.

Lefèvre foi condenado à fogueira em Reims por volta de 1700; foi apelidado de “Vanini ressuscitado”. Em 1728, em Fresnes, o padre Guillaume foi preso por ateísmo; [...] o napolitano Pietro Gianonne, autor de um tratado contra a Igreja, morreu na prisão. (MINOIS, 2014, p. 362)

Meslier, portanto, sabendo das consequências já tidas por questões muito menores e da possibilidade de haver ainda maiores por conta de seus atos perante clero católico, decidiu trabalhar em segredo, não se sabe a partir de quando, muito provavelmente após o episódio de sua grande repressão sofrida através do arcebispo em Donchery somado às notícias das mortes dos padres Lefèvre, Guillaume e Gianonne, que causou muito alarde na época, sendo assim, dedicou sua vida inteiramente a escrever suas ideias de forma oculta, fazendo com que lhe restassem apenas fragmentos de seus pensamentos deixados após a sua morte, pois desta forma ele não se importava se seria caluniado ou condenado por quaisquer heresias cometidas, já que não acredita em uma vida após ou morte ou qualquer influência de algum pensamento similar.

Após conhecer um pouco mais sobre a vida deste padre, filósofo e materialista vivido entre os séculos XVII e XVIII, é facilmente perceptível que independente de quaisquer posicionamentos e visões construídas por este indivíduo, sua vida foi completamente conturbada e oculta devido aos mais diversos acontecimentos, tendo vivido praticamente nas sombras e na margem dos pensamentos da sociedade, presenciou e viveu diversas atrocidades que fizeram com que assim ele assim permanecesse, escondido, como uma sombra ideológica e filosófica. O devido tratamento e respeito aos seus posicionamentos só ocorre várias décadas depois, e mesmo com esse grau um pouco mais elevado de reconhecimento ainda não é dado a devida atenção necessária pelas contribuições feitas por ele.

1.2. RELIGIÃO, TEÍSMO, DEÍSMO E SEUS AMPLOS CONCEITOS

Para termos uma noção do que se trata o ateísmo, neste momento é necessário entendermos alguns conceitos sobre *religião*, *teísmo* e *deísmo*, o primeiro deles detendo um debate ainda mais conturbado e indefinido durante o decorrer dos tempos, mais ainda do que a própria definição de ateísmo. Portanto, faremos aqui uma rápida explanação sobre estes três termos, sendo o primeiro deles, neste momento, um pequeno debate sobre o termo *religião*.

Essas abordagens são necessárias pelo fato de Jean Meslier utilizar os termos *religião* e *religiões* com contextos diferentes mesmo que utilizando as mesmas palavras no decorrer de seu testamento, além de eliminar quaisquer possibilidades de enquadrá-lo em alguma destas definições, como tentou Voltaire com o deísmo. Portanto, com o devido cuidado e cautela para

não cometermos nenhum tipo de anacronismo, trataremos aqui de algumas definições adotadas durante os anos, para fazermos uma análise coerente das posturas de Jean Meslier, tanto no contexto de sua época quanto no atual.

Diferente do termo ateu, que recentemente toma um sentido um pouco mais unificado, mesmo com algumas divergências em alguns pontos específicos, o termo religião gera os mais longos e divergentes debates inclusive atualmente, o debate sobre religião (ões) é bem mais prolongado e complexo de se obter uma definição mais estrita que a do ateísmo, pensando nisso, o autor Talal Asad faz a seguinte afirmação:

O meu argumento é que não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos. (ASAD, 2010, p. 264)

Esta afirmação de Asad é pertinente e coerente a partir do momento que entendemos que cada religião tem uma mundividência específica, pelo fato da religião lidar com a crença, tentar explicar o (aparentemente) inexplicável, onde o mesmo termo pode possuir um significado diferente dentro do seu contexto religioso, além disso, cada uma tem uma interpretação divergente de símbolo, simbolismo, rito, ritual, culto, etc., antes mesmo de adentrar no quesito da religião em si, portanto, tornando praticamente impossível uma definição universal nesta perspectiva. Porém, vale ressaltar, que isto não impede que definições específicas sejam adotadas. Esse pensamento é em parte o que afirma o autor Mac Dowel, quando afirma que as definições devem ser abrangentes, porém, não inexistentes:

As características, que constituem uma realidade como religiosa, devem ser comuns a tudo aquilo que merece o nome de religião e, ao mesmo tempo, distinguir o fenômeno religioso de outras realidades humanas, como a arte, a magia, a ética, a filosofia, etc. São inúmeras as definições que se têm dado de religião. Há mesmo quem duvide da possibilidade de defini-la, chamando a atenção para as grandes diferenças que se verificam entre as várias religiões. Sem aprofundar a questão, deixo aqui consignado apenas que a rejeição da possibilidade de uma definição de religião não se justifica, senão para quem professa o nominalismo, a meu ver, também inaceitável. (MAC DOWEL, 2011, p. 26)

Por este motivo, a intenção aqui não é definir um único sentido para o termo, pois, como entenderemos logo em seguida, não há um consenso sobre esta questão, portanto, a fim de evitar quaisquer mal entendidos, é necessário reforçar que o intuito é de apresentar algumas diversas definições do termo, para que possamos nos situar melhor neste contexto e adotar um critério de análise a partir de tais definições para posteriormente sermos mais precisos na análise

pertinente ao Padre Jean Meslier, tanto quando estivermos lidando com um sentido estrito ou em sentido amplo.

1.2.1. RELIGIÃO

Portanto, veremos a seguir algumas definições abordadas que são atualmente utilizadas a fim de enriquecer as contribuições sobre o conceito. Este momento é necessário para entendermos qual sentido filosófico estamos tomando e traçando neste trabalho.

Começaremos aqui novamente com algumas afirmações bem coerentes do pensador Mac Dowel, onde ele separa a abordagem do fenômeno religioso em dois aspectos, o “eidético-interpretativo” e o “crítico-valorativo”, estas contribuições são um grande passo para a abordagem do termo *religião*, principalmente quando nos deparamos com uma situação na qual lidaremos posteriormente com o padre Jean Meslier, fazendo duras críticas à um pensamento religioso bem específico e objetivo. Isto torna possível entender qual a perspectiva da crítica, a possibilidade e a coerência das afirmações, portanto, no aspecto “eidético-interpretativo”, Mac Dowel faz uma definição sobre a análise do termo *religião*, ele afirma que esse aspecto é:

O que caracteriza o fenômeno religioso como tal, bem como os seus diversos elementos, desde a sua experiência religiosa na sua feição própria e nas suas múltiplas formas, até suas diversas expressões na narração mítica e na ação cultural. (MAC DOWEL, 2011, p. 26)

Já o aspecto “crítico-valorativo” visa a determinação do valor da religião:

Ela pode ser avaliada, primeiramente, em termos ontológicos, à medida que se interroga sobre a verdade e consistência da compreensão que tem de si mesma: Qual é o fundamento real do fenômeno religioso? A experiência religiosa atinge efetivamente uma realidade superior ou consiste em um sentimento meramente subjetivo? O divino como termo da transcendência religiosa existe realmente ou é apenas uma projeção do espírito humano? A atitude religiosa pode justificar-se filosoficamente ou é fruto de uma ilusão, que a razão crítica explica, ao reduzi-la às suas raízes não-religiosas, i.e. psicológicas, sociológicas, etc.? Mas o fenômeno religioso pode ser abordado também em termos axiológicos (ético-antropológicos): Qual é o valor humano da religião? Ela respeita a dignidade humana? Contribui para o desenvolvimento pessoal e social? É fator de libertação e progresso ou de alienação? (MAC DOWEL, 2011, p. 27)

Entendendo a necessidade das abordagens feitas por Mac Dowel para o processo da crítica direta à(s) religião(ões), chegamos em um dos momentos cruciais para uma análise coerente sobre as perspectivas e posicionamentos do padre francês Jean Meslier. Como visto anteriormente, a necessidade de definir os conceitos sobre o termo *religião* (pelo menos uma

definição específica, não universal) é de extrema importância para podermos entender como lidar essa construção do pensamento cético e crítico em torno desta questão, tentando responder previamente o questionamento sobre a possibilidade de o pensamento e as afirmações estarem inseridos em outros conceitos de *religião* e não a um posicionamento ateu de fato.

Uma dessas definições, e talvez uma das mais completas já constituídas até hoje, é um pensamento construído por William Alston, com algumas contribuições adicionais dadas por Michael Martin, no qual eles definem que religião é:

1) Crença em seres sobrenaturais.; 2) Uma distinção entre objectos sagrados e profanos.; 3) Actos rituais centrados em objectos sagrados; 4) Um código moral que se crê ser sancionado pelos deuses; 5) Sentimentos caracteristicamente religiosos (temor, sentimento de mistério, sentimento de culpa, adoração) que tendem a ser activados na presença de objectos sagrados e durante a prática ritual, e que estão conectados mentalmente aos deuses; 6) Orações e outras formas de comunicação com os deuses; 7) Uma mundividência ou imagem geral do mundo como um todo e do lugar do indivíduo no seu seio. Esta imagem inclui uma especificação de um propósito ou fim geral do mundo e uma indicação de como o indivíduo nele se insere; 8) Uma organização ou menos total da vida do crente com base na sua mundividência; 9) Um grupo social ligado pelas características anteriores. (MARTIN, 2010, p. 285)

Embora em suas afirmações o termo “deuses” seja utilizado como o sujeito responsável pela legitimação da ação, não parece ser incoerente a utilização do termo “divindades”, embora em primeiro momento esses termos possam parecer um sinônimo direto, em que fazendo suas trocas possa parecer também uma redundância, o conceito de “deuses” em muitos momentos não se trata da mesma coisa, ou seja, deuses são considerados divindades, porém, não necessariamente divindades são considerados deuses, portanto, observando a hierarquia do pensamento, aparentemente o termo divindades se encaixa de forma mais coerente neste contexto, fazendo com que haja a possibilidade de incluir uma ampla gama de possibilidades de religiões no contexto desta definição. Embora esta definição seja um tanto completa, Martin adianta possíveis necessidades de complementação à esta definição, baseando-se nos pensadores Monroe Beardsley e Elizabeth Beardsley, para preencher possíveis lacunas na afirmação anterior:

1) Quais são as características fundamentais dos seres humanos e quais os problemas principais que enfrentam? 2) Quais são as características da realidade inumana mais significativas para a vida humana? 3) Dada a natureza do homem e do universo, como devem os homens tentar viver? 4) Dadas as respostas às primeiras três perguntas, que práticas irão melhor desenvolver e alimentar nos homens uma compreensão da natureza da realidade humana e inumana e uma dedicação ao ideal de vida humana? 5) Ao procurar respostas verdadeiras às primeiras quatro perguntas, que método ou métodos se deve usar? (MARTIN, 2010, p. 286)

Neste contexto, esta abordagem feita por Martin serve de embasamento a fim de identificar quais perspectivas religiosas estamos nos referindo. Após respondida todas as questões, é possível entender o sentido de mundividência do indivíduo, as respostas à essas perguntas são fundamentais nesse entendimento, pois, principalmente no caso do ateísmo, nos remete ao que vimos anteriormente com a categorização dos tipos, portanto, estes questionamentos auxiliam, de certa forma, a identificar se o indivíduo é ou não ateu, além de seu principal objetivo, que é o de identificar o sentido religioso do indivíduo, tornando assim esse processo mais completo.

Por último, para fecharmos essa questão das definições sobre o conceito de religião, Comte-Sponville (2006) faz uma abordagem sobre a definição utilizada por Durkheim sobre o que é religião:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas das coisas sagradas, é dizer, separada ou proibidas, crenças e práticas, reúnem em uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, a todos aqueles que se aderem a elas²³ (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 21, tradução nossa)

Comte-Sponville, então, questiona-se sobre o conceito, “o que é religião?”, para ele, várias das crenças (principalmente as orientais) constituem mais uma mescla de espiritualidade, moral e filosofia do que uma religião de fato. O que nos faz entender, mais uma vez, o quão complexo é a tentativa da definição, até mesmo uma definição em seu sentido estrito, não universal (amplo). O filósofo também acrescenta ainda algumas contribuições à afirmação de Durkheim:

Chamo ‘religião’ todo conjunto organizado de crenças e de ritos referidos a coisas sagradas, sobrenaturais e transcendentais (é em amplo sentido da palavra), e especialmente a um ou vários deuses (é em sentido restrito), crenças e ritos que reúnem em uma mesma comunidade moral e espiritual que se reconhecem-nos com os que praticam.²⁴ (COMTE-SPONVILLE, 2006, p.22, tradução nossa)

Visto essas noções atuais sobre o termo *religião*, devemos partir para uma observação mais contextualizada ao tempo do padre, para desta forma podermos fazer uma análise coerente demonstrando que a postura de seu pensamento não sofreu alteração com o tempo, tornando

²³ “Una religión es un sistema solidario de creencias y prácticas relativas a las cosas sagradas, es decir, separados o prohibidas, creencias y prácticas que reúnen en una misma comunidad moral, llamada Iglesia, a todos aquellos que se adhieren a ellas”

²⁴ “Llamo ‘religión’ a todo conjunto organizado de creencias y de ritos referidos a cosas sagradas, sobrenaturales o transcendentales (es el sentido amplio de la palabra), y especialmente a uno o varios dioses (es el sentido restringido), creencias y ritos que reúnen en una misma comunidad moral y espiritual a quienes se reconocen en ellos a los practican.”

possível uma melhor análise crítica avaliativa, excluindo a possibilidade de uma má interpretação devido à um anacronismo, reforçando o que já foi dito anteriormente. Para nos situarmos melhor sobre as definições utilizadas pelo padre francês e neste período da história francesa falaremos sobre a abordagem utilizada pelo próprio Jean Meslier, bem como contribuições do autor Antoine Furetière²⁵ (1619-1688), que em sua gigantesca obra, dividida em três grandes volumes e intitulada *Dictionnaire Universel: Contenant généralement tous les mots français, tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts (1701)*²⁶ define, além de outras, as seguintes questões.

No que se refere aos posicionamentos e entendimentos de Jean Meslier quanto ao termo *Religião*, embora na maioria dos momentos seja fácil perceber qual a intenção do significado adotado pelo padre, ele não argumenta de forma explícita qual sentido utilizado, no decorrer das análises pertinentes a ele veremos uma clara modificação na conotação do termo, portanto, devido a isto, não trataremos previamente nenhuma definição utilizada pelo padre sobre esta questão, faremos isso durante a análise das argumentações deixadas em seu testamento a medida que for necessário. Para entendermos melhor essa problemática quanto a variedade de sentidos para a palavra na época, Furetière utiliza em sua enciclopédia diversas definições sobre o termo, que serão utilizadas aqui para analisar a usabilidade da época, para dessa forma podermos fazer a ponte analítica com os tempos atuais a fim de comprovar que o mesmo havendo algumas diferenciações o enquadramento do padre permanece o mesmo.

Furetière (1701, v. 3, p. 514, tradução nossa), em sua enciclopédia, nos faz perceber que há esse vasto uso para o termo religião quando demonstra as mais diversas definições em sua obra, uma delas é quando ele define por “culto que se dá a Deus: sentimento, credibilidade da Divindade. Há bem pouco que a religião é fruto de estudo e de reflexão.”²⁷. Posteriormente ele demonstra que “se diz também de Ordens Militares compostas de Cavaleiros que vivem com certas regras, e que possuem um certo hábito”²⁸, a exemplo de “a Religião de Malta de Alcantara, de Calatrava. As galerias de Malta são chamadas de galerias da Religião”²⁹. Ele ainda mostra que “se diz também de heresias. [...] E, geralmente, de todos aqueles que negam

²⁵ Pensador francês erudito vivido no Século XVII, nascido em Paris, teve como obra mais marcante o *Dicionário Universal*.

²⁶ Esta obra, em 1690, foi proibida pelo governo francês de ser publicada, sendo oficialmente publicada após sua morte. Em 1701 foi lançada sua segunda edição, utilizada aqui.

²⁷ “Culte qu'on rend à Dieu: sentiment, créance de la Divinité. Il en est bien peu en qui la Religion soit le fruit de l'étude, et de la reflexion.”

²⁸ “Se dit aussi des Ordres Militaires composez de Chevaliers qui vivent avec certaines règles, & qui portent un certain habit.”

²⁹ “La Religion de Malthe d'Alcantara, de Calatrava, &s. Les galeres de Malthe s'appellent les galeres de la Religion.”

algum ponto fundamental da religião”³⁰. Furetière escreve também que “as vezes significa piedade, justiça, exatidão”³¹ e que “se diz também por fidelidade, regularidade, precisão para manter sua palavra”³². Tais definições utilizadas por Furetière nos mostra o grau de incerteza, complexidade e consenso com relação ao termo.

Portanto, após todas essas abordagens sobre o termo religião, podemos perceber o nível do problema com relação a utilização de uma definição em específico. Ficando claro todas estas conceituações podemos então seguir adiante com nossa teorização dos conhecimentos necessários para o entendimento de nossos objetivos neste trabalho.

1.2.2. TEÍSMO, DEÍSMO E A RELIGIÃO NATURAL

Neste momento de conceituações é necessária a abordagem sobre as noções de *Teísmo* e *Deísmo*, que também são de grande importância para entender em qual contexto se encaixa o padre francês Jean Meslier, talvez até mais do que a própria abordagem sobre religião, pois, neste período o movimento deísta, além da discussão sobre *religião natural*, estava em constante evidência entre os intelectuais na Europa Ocidental, principalmente quando nos referimos à França, nos primórdios do Iluminismo francês, criando assim um forte debate entre esses três posicionamentos, teísmo, deísmo e religião natural.

Como afirma o autor C. J. Betts (1984), em sua completíssima obra sobre o deísmo francês, intitulada *Early Deism in France: From the so-called ‘déistes’ of Lyon (1564) to Voltaire’s ‘Lettres philosophiques’ (1734)*, não há nenhuma forma adequada para se fazer uma curta definição sobre o que é o deísmo. Como não se trata do objetivo de nosso trabalho arguir de forma completa sobre esse posicionamento, tentaremos fazer uma explanação da forma mais curta e pertinente possível para podermos fazer as análises cabíveis ao nosso objeto, utilizaremos, portanto, esta obra do autor, que cumpre seu papel de forma excelentíssima, diga-se de passagem.

Em sua obra, Betts utiliza o termo *teísmo* como posicionamento que não apresenta oposição ao cristianismo, portanto, tomaremos aqui essa afirmação como o sentido estrito do termo, ou seja, diretamente ligado às religiões cristãs. Como complementação, entendendo a

³⁰ “Se dit aussi des hérésies. [...] & généralement de tous ceux qui nient quelque point fondamental de Religion”

³¹ “Signifie quelquefois, Piété, justice, exactitude.”

³² “Se dit aussi pour, Fidélité, régularité, exactitude à garder sa parole.”

cosmogonia³³ cristã como um processo de criação explicado através de uma teogonia³⁴, entendemos que em sentido amplo, o teísmo é um processo criacionista com conceitos atrelados aos dogmas cristãos, portanto, um único Deus criador, regente do universo, possuidor de atributos como onisciência, onipotência e onipresença, o processo de cosmogonia se dá através desta divindade, responsável por fundamentar suas leis divinas e por orquestrar o controle, o regimento e a ordem deste cosmos, em outras palavras, essa divindade é responsável pela lei que ordena o caos e apenas ele assim o fará, ou seja, a noção de onipotência é evidente aqui. A percepção do teísmo desta forma, nos faz entender alguns posicionamentos de Voltaire sobre o termo, para ele teísmo é uma espécie de religião pura, baseado na razão, na observância, no empirismo intuitivo do ser humano, é o estado da religião sem dogmas e o clero, onde os dogmas devem ser substituídos pela razão e o clero pelo bom senso, fortalecendo assim uma argumentação em prol de uma *religião natural*, por ser intuitivo, verdadeiro, sem instituições e preceder todo tipo de crença, inerente ao pensamento humano sem a necessidade de ensinamentos, este posicionamento fica evidente quando nos deparamos com as afirmações feitas em sua obra *Dictionnaire Philosophique*:

O teísmo é uma religião disseminada em todas as religiões; é um metal que se junta com todos os outros, e cujo as veias se estendem sob a terra aos quatros cantos do mundo. Esta mina é mais uma descoberta, mais trabalhada na China; em qualquer outro lugar ela está escondida, e o segredo está apenas nas mãos dos adeptos.³⁵ (VOLTAIRE, 1822, p. 284, tradução nossa)

Voltaire também afirmava que o homem não pode ser bom sem Deus, pois estaria longe dessa razão e do bom senso proveniente do que ele define por teísmo, como que vimos aqui. Desta forma, o pensamento teísta, em sentido amplo, se encaixa nos principais monoteísmos conhecidos pelo mundo, o cristianismo e o islamismo, podemos então perceber que o conceito de teísmo não é pertinente apenas ao cristianismo, é um conceito mais abrangente, nem também preso aos monoteísmos, já que a definição também é pertinente aos politeísmos, desta forma, podemos ver a abrangência da definição em seu sentido que adotaremos aqui como teísmo em sentido amplo.

Tratando-se do conceito de *deísmo*, Betts afirma que há dois aspectos distintos para definição do termo, um aspecto “positivo” (“construtivo”) e um “negativo” (“crítico”). Em

³³ Processo originário do cosmos. Surgimento do universo.

³⁴ Processo originário do cosmos através de um deus, *Theos*.

³⁵ “Le théisme est une religion répandue dans toutes les religions ; c'est un métal qui s'allie avec tous les autres, et dont les veines s'étendent sous la terre aux quatre coins du monde. Cette mine est plus à découvert, plus travaillée à la Chine ; partout ailleurs elle est cachée, et le secret n'est que dans les mains des adeptes.”

primeiro momento a definição de deísmo pode aparentar ser o que conhecemos atualmente como uma espécie de cristão não praticante, mas precisamos olhar atentamente para o contexto que é colocado, como a necessidade do entendimento da perspectiva de *religião natural*. Em um dos primeiros registros encontrado sobre os termos *deísmo* e *deísta*, é feito por Antoine Furetière. Nesta sua enciclopédia Furetière define *deísmo* como “a crença daqueles que, independente da religião, crê na existência de um Deus”³⁶ (FURETIÈRE, 1701, v. 1, p. 901, tradução nossa), esta curta definição pode atualmente ocasionar um conflito absurdo de conceitos, caso seja cometido um anacronismo, como acabou de ser dito. Ele também define *deísta* como:

Homem que não tem uma religião em particular, mas que reconhece a existência de um só Deus, sem lhe prestar qualquer adoração externa. Os Deístas sustentam que o mais correto é retornar à simplicidade da natureza, e à credibilidade de um Deus único, que é a única verdade reconhecida pelo consentimento de todos os homens. Eles alegam que a liberdade da razão é oprimida sob o jugo da religião, e que os espíritos são tiranizados pela necessidade que lhes é imposta, de crer-se em mistérios inconcebíveis. [...] Os Deístas estão persuadidos de que o princípio da fé é disputado entre os próprios cristãos, e essa fé da qual não concordam é uma quimera.³⁷ (FURETIÈRE, 1701, v. 1, p. 901, tradução nossa)

Esta definição, por si só já é bastante completa se analisarmos através dos contextos corretos. Como foi dito anteriormente, essas definições podem ocasionar um mal entendimento absurdo se excluirmos o fato da necessidade de se pôr a natureza acima de tudo, embora, ainda acreditando em um único Deus. A diferenciação dada por Betts (1984, p.3), entre Positivo e Negativo, dá-se pelo fato de que o *Deísmo Positivo* tem como necessidade primordial a crença em Deus, o que, para ele, é frequentemente tratado como sinônimo de *Religião Natural*. Já o *Deísmo Negativo*, haveria uma postura mais agressiva com relação aos costumes cristãos, porém não negando a existência de Deus, apenas tendo posturas e pensamentos no sentido de *revolta metafísica*, que deixaremos para abordar melhor esse conceito um pouco mais adiante.

Ambos os sistemas, tanto o teísta como o deísta, no fim das contas acabam se tornando uma espécie de contraposto ao ateísmo, e vice-versa, dependendo da perspectiva da cronologia dos eventos quanto ao surgimento na história humana. No teísmo e deísmo há a crença em um infinito que atua, embora havendo pequenas divergências categóricas, já o ateísmo nega

³⁶ “La creance de ceux qui, pour toute Religion, croient qu’il y a un Dieu.”

³⁷ “Homme qui n’a point de Religion particulière ; mais qui reconnaît seulement l’existence d’un Dieu, sans lui rendre aucun culte extérieur. Les Déistes soutiennent que le plus certain est d’en revenir à la simplicité de la nature, & à la créance d’un Dieu unique, qui est la seule vérité reconnue du consentement de tous les hommes. Ils prétendent que la liberté de la raison est opprimée sous le joug de la Religion, & que les esprits sont tyrannisés par la nécessité qu’on leur impose, de croire des mystères inconcevables. [...] Les Déistes se persuadent que le principe de la foi étant contesté entre les Chrétiens mêmes, cette foi dont on ne convient point est une chimère.”

justamente essa infinitude, como vimos anteriormente. Sendo assim, basicamente o processo de criação é igual tanto no Teísmo quanto no Deísmo, havendo diferença apenas no momento posterior à essa cosmogonia. Em primeiro momento, essa conceituação sobre estas diferenças pode resultar em uma confusão com o que conhecemos por *livre arbítrio*³⁸ no teísmo cristão, apesar da semelhança, em certo momento, não se trata da mesma coisa. No conceito do livre arbítrio Deus não deixa de ter sua onipotência, em certas ocasiões ele apenas opta por não agir, já no deísmo, a onipotência (pelo menos neste momento em que nos referimos como um deus regente, não como criador) é inexistente, Deus não quer e não tem poder para intervir diretamente. Portanto, entendemos como Deísmo Positivo, um processo de pensamento similar ao Teísmo, mas que acaba negando os preceitos de onipotência, onisciência e onipresença do cristianismo, já que Deus não tem poder hierárquico acima da natureza. Entendemos também, como Deísmo Negativo, somado às características do Deísmo Positivo, como um movimento que cria um conflito com o cristianismo, combatendo dogmas, conceitos e outros posicionamentos.

Após todo esse arcabouço filosófico e conceitual já feitos até aqui, sobre o termo religião e sua dificuldade em categorização, sobre teísmo e deísmo, é necessário realizarmos nossa abordagem sobre o ateísmo de fato, para posteriormente podermos trabalhar com as perspectivas expostas pelo padre francês Jean Meslier.

1.3. ABORDAGEM FILOSÓFICA, HISTÓRICA, ETIMOLÓGICA E EPISTEMOLÓGICA DO ATEÍSMO

Como vimos anteriormente neste trabalho, a necessidade de abordar e historicizar um pouco sobre os conceitos e os sentidos do(s) ateísmo(s) ao longo dos anos é extremamente relevante para entendermos muitas das questões aqui levantadas. Primeiramente, para podermos compreender o que é ateísmo é necessário saber que trataremos aqui de um conceito basicamente adotado no ocidente, sem deixar, é claro, de fazer algumas pontes históricas e conceituais com o oriente, onde apesar de haver bastante semelhança nessa forma de pensar, a forma de conceituar e abordar alguns termos são bem diferentes, a exemplo das definições sobre religião, filosofia, teísmo, etc. Além disto, entender o ateísmo e suas mais diferentes formas de

³⁸ Nos referimos aqui no sentido filosófico e religioso do termo, como possibilidade de agir e tomar decisões por conta própria, sem influência de uma divindade ou qualquer intervenção em alguma instância superior. Neste caso em específico, uma influência direta dos *Planos de Deus*.

pensamento, é mais que necessário para podermos entender os pensamentos de Jean Meslier para posteriormente defini-lo em um destes aspectos.

A história do ateísmo é arduamente longa e como já visto neste trabalho, o pensador Georges Minois faz uma vasta compilação histórica do termo durante os séculos em sua obra já citada no início deste trabalho. Como o objetivo principal deste trabalho não é focar no ateísmo diretamente e sim a análise de um indivíduo em específico, faremos uma abordagem a fim de ser possível um melhor entendimento dos possíveis tipos de ateísmo no principal foco deste trabalho.

Adentrando nos conceitos básicos para o ateísmo, precisamos primeiramente entender o que seria uma espécie de estágio primário ao pensamento ateu: insatisfação, revolta e descrença em divindades ou no transcendente. São esses pontos que o filósofo brasileiro Paulo Piva (2006) chama este momento de *revolta metafísica*, o estado de revoltado metafísico não é o ateísmo propriamente dito e nem necessariamente o surgimento dele, porém, como já foi dito aqui, é o requisito básico e inicial para o processo, sendo assim, *revolta metafísica* é a insatisfação com o divino, o transcendente ou até mesmo a posição clerical de determinada religião. Tivemos na história da humanidade diversas figuras inseridas neste contexto sem sequer passar perto de um pensamento ateu de fato, a exemplo de Martinho Lutero, João Calvino, Martin Luther King, dentre outros, onde os indivíduos estiveram extremamente insatisfeitos com o posicionamento (seja clerical ou transcendental) metafísico a ponto de causar até mesmo um cisma religioso. Portanto, para Piva (2006, p. 35), a revolta metafísica é um processo de desenvolvimento da consciência no qual teria início na constatação do absurdo da condição humana, sendo assim, esse sentimento de revolta pode partir até mesmo de um teísta devoto. Portanto, entendendo essa noção de revolta metafísica e suas possibilidades, podemos agora abordar a questão do ateísmo em si, fazendo uma análise de perspectiva histórica, etimológica e epistemológica dos termos *ateu/ateísmo*.

É necessário reforçar, apesar de ser afirmado por diversas vezes neste trabalho que, o ateísmo, assim como os pensamentos religiosos, é inerente na mentalidade do coletivo social desde os primórdios da humanidade. Para iniciarmos de forma mais detalhada essa abordagem precisamos elencar e fazer a distinção de alguns termos e perspectivas, como os posicionamentos agnóstico/ateu, a argumentação/ótica ativa/negativa e os sentidos estrito/lato, é necessário abordar estas etapas para podermos, após somado esses fatores, entendermos cada tipo de ateísmo existente. A difusão da utilização do termo *agnóstico* é atrelada ao ateísmo, devido a criação do conceito ter sido elaborada por Thomas Huxley (1825-1895) pelo fato de se sentir incomodado com o sentido que levava a definição de ateu, uma aparente imposição da

certeza na resposta, ou seja, entendia-se que o indivíduo tinha a certeza que não havia existência divina, daí então a insatisfação com toda essa imposição. A partir do momento em que Huxley cunha este termo, passa-se a adotar um sentido mais brando, de mais fácil aceitação, ou seja, com menos estigma social.

1.3.1. ATEÍSMO ANTIGO (PRÉ SÉCULO XVII)

O termo *ateu*, no mundo ocidental, deriva do grego *átheos*, palavra formada pela junção do prefixo *a* (negação, sem, ausência) com o termo *theos* (deus), sendo assim, a palavra *átheos* significa *sem deus*, tomando aqui, o termo *deus* como divindade transcendental, não no sentido de entidade divina que é posteriormente adotada pelo cristianismo, portanto, teoricamente logo deduz-se uma ausência de deus. Porém, no decorrer da história, não tem funcionado assim na maior parte dos séculos. Como bem aponta Minois (2014, p. 35), o termo estaria ligado ao fato de designar um adversário dos deuses tradicionais, mas, em muitos casos, podendo se referir também a um fiel de outra religião, ou simplesmente a um espírito supersticioso. Embora etimologicamente o termo *ateu* não tenha essa conotação utilizada, no mundo ocidental antigo, mais especificamente na Grécia Antiga, a palavra *ateu* era em sua grande maioria utilizado com um sentido muito semelhante ao que nos dias atuais conhecemos por *monolatria*³⁹, ou seja, o indivíduo podia não ser necessariamente descrente na existência divina, bastava apenas não adorar ao deus local que o culto local da cidade impunha. Embora, neste momento, o termo não tenha o mesmo sentido atual, aqui já podemos perceber um certo grau de *revolta metafísica*, como vimos anteriormente. Mesmo pelo fato do termo *ateu* neste período não possuir o sentido que possui nos dias atuais (seu sentido etimológico), isto não significa que o pensamento, como se aborda hoje, fosse inexistente na época, ou que haja um anacronismo ao tentarmos identificar a presença do pensamento ou de afirmações com a mesma conotação, isso apenas dificulta a identificação destes indivíduos, assim como o do pensamento totalmente descrente. Apesar desta barreira, alguns pensadores, a exemplo de Martin (2010), arriscam afirmar a presença deste tipo de ateísmo, como ele bem cita que Diágoras, Sócrates, Pródico, Eurípedes, Crítias e Aristófanes fossem pensadores com total descrença no transcendente, alguns deles Martin afirma ter plena convicção que são realmente pensamentos ateus, outros ele afirma não possuir tanta certeza, já que não é claro a expressão de nenhum deles acerca disto, porém, não negando o provável pensamento incrédulo.

³⁹ Culto centrado a um único deus de um panteão, não negando a existência dos demais, apenas priorizando um dentre todos.

Para ajudar a complicar e dificultar um pouco mais a constatação de um pensamento ateu em qualquer indivíduo, temos que levar em conta que há duas formas de se observar a negação no divino, isto veremos de forma mais detalhada adiante, porém, fazendo uma leve introdução para facilitar o entendimento de alguns pensamentos, precisamos perceber que esses dois tipos de negação se dão através de um posicionamento afirmativo ou negativo, ou seja, no primeiro momento temos a afirmação da inexistência transcendental, no segundo momento não temos uma afirmação, e sim uma dúvida, portanto, no primeiro temos a crença na inexistência, já no segundo temos a não crença na existência.

Este pensamento de incredulidade não é isolado no contexto ocidental, quando fazemos uma observação no hemisfério oriental de nosso mundo, neste período antigo da história humana, encontramos filosofias totalmente materialistas, como vimos no início deste trabalho. Portanto, não sendo exclusivamente o posicionamento de alguns filósofos gregos, os indianos também produziram acerca deste tipo de pensamento. A exemplo de uma filosofia chamada Chārvāka (Carvaka), a filosofia carvaka era essencialmente materialista, esse sistema filosófico se dá através da rejeição e negação dos Vedas hindus, portanto, para o sistema Carvaka, o mundo é puramente material e tudo que é ligado ao plano transcendental e espiritual é fruto da imaginação dos seres humanos, ou seja, apenas o material é existente, pois o mundo imaterial é improvável⁴⁰, logo, inexistente.

Assim como na filosofia grega, a filosofia indiana também enxerga o mundo a partir de elementos, sendo assim, a filosofia carvaka também argumenta sobre essas questões, já que os elementos materiais tanto na grega como na indiana são: fogo, água, terra e ar; além de considerarem o éter em ambas as culturas. O éter, como quinto elemento, para a filosofia carvaka, não pode ser provado e nem comprovado, portanto, não existe, considerando a existência apenas dos outros quatro elementos restantes. Fica claro perceber tudo o que foi argumentado aqui quando observamos algumas passagens de documentos dessa filosofia:

Enquanto a vida for sua, viva alegremente,
Ninguém pode evitar a morte.
Quando este nosso corpo estiver queimado,
Como pode-o retornar novamente?
[...]
Que o prazer decorrente do homem
Do contato com objetos sensíveis,
É para ser renunciado, porque é acompanhado de dor,
Tal raciocínio é dos tolos.
Os grãos do arroz, ricos com os mais belos grãos brancos,
Qual homem, em busca de seu próprio interesse,

⁴⁰ No sentido de que não há como provar.

Os arremessaria longe, porque está coberto de palha e poeira?
 [...]
 Os sacrifícios, os três Vedas, três bastões do ascéticas,
 E manchando-se com cinzas – ᳚
 Brhaspati diz que estes são apenas meios de subsistência
 Para aqueles que não têm coragem nem sentido.
 [...]
 Brotando destes elementos em si
 Conhecimentos sólidos são destruídos,
 Quando eles são destruídos,
 Após a morte não resta nenhuma inteligência. (CARVAKA, 2011, tradução nossa)

Podemos perceber também que, segundo a filosofia carvaka, os prazeres da vida devem ser vividos, pois a vida é unicamente material e carnal, e que a rejeição dos mesmos é tolice. Tal afirmação tem grande semelhança com o que a Grécia Antiga desenvolve com o *Epicurismo*⁴¹, no qual trata o desejo, o prazer e a vivência através do plano físico material como necessidade para a vida. De certa forma, o principal foco entre essas práticas aparenta ter uma similaridade considerável com o que é encontrado em alguns budismos, a exemplo do Budismo Theravada⁴², que embora o desejo seja tratado como um problema para a iluminação, trabalha com perspectivas similares, e também com o Budismo Tântrico⁴³, onde neste último sim, o desejo é uma ferramenta primordial e a sua repressão pode acarretar diversos problemas, o que nos faz perceber um certo de tipo de proximidade entre os pensamentos, mesmo em locais tão distantes, divergindo apenas nos objetivos, que no budismo é praticado no intuito de alcançar a iluminação.

Estes posicionamentos materialistas, através do diálogo entre as posturas filosóficas e as religiões, resultam em uma evolução no pensamento, direcionando as crenças no mundo ocidental para uma ruptura, fazendo com que surja o racionalismo dentro e fora do contexto religioso. Esse racionalismo ocidental abre muitas portas para inúmeros pensamentos ligados ao contexto material, um deles é o ateísmo como forma filosófica.

Sendo assim, Onfray (2007), Martin (2010) e Minois (2014) trazem algumas questões intrigantes sobre a utilização do termo para este período em específico, anterior à definição do ateísmo em seu sentido filosófico, ao utilizar como exemplo a morte de Sócrates, Martin (2010, p. 29) traz também uma outra utilização sem o seu real valor etimológico, desta vez com o

⁴¹ Sistema de pensamentos estruturado durante a Grécia Antiga por Epicuro, baseado nos preceitos de que todo desejo reprimido gera problemas, portanto, devem ser praticados com equilíbrio.

⁴² Escola budista que mais se aproxima com o as crenças fundadoras, tido como o Budismo mais próximo do “Budismo Antigo”.

⁴³ Escola budista que trata o desejo e o prazer como forma de alcançar a iluminação, inclusive através do corpo.

sentido que hoje compreendemos por *heresia*⁴⁴, o emprego do termo com esta conotação acontecia quando os gregos se referiam à outras religiões. Após a morte de Sócrates através da perseguição política, culminado também por desavença de ideais filosóficos, inicia-se um período obscuro e muito útil para o termo *ateu*, tal utilidade que permanece até os dias atuais. Gregos, egípcios, judeus, cristãos e até mesmo pagãos, passam a utilizar o termo como forma de condenar, ofender e atacar a imagem de alguém, ou alguma crença, em específico, esta errônea noção de ateísmo se fortalece com o crescimento e expansão dos monoteísmos no mundo, principalmente com o cristianismo, o qual acaba se apropriando dessa utilidade do termo, adicionando ainda um grau maior de voracidade a ele. Embora o termo *ateu* não tenha sido usado com seu real sentido etimológico na antiguidade, Martin (2010) trata como tal alguns pensadores da época, a alguns pensadores o autor atribui um certo grau de convicção quanto à postura ateísta em seu sentido etimológico e filosófico, já alguns outros ele não deixa tão claro assim esta constatação. Nesta mesma obra de Martin, ele afirma que a morte de Sócrates foi causada no sentido de tentar silenciar um pensamento que em sua concepção seria justamente uma acusação de ateísmo, além de abordar detalhadamente a questão do mal emprego do termo, que em seu ponto de vista era uma forma muito eficiente para justificar quaisquer tipos de atrocidades, como bem podemos ver alguns exemplos a seguir:

A acusação de ateísmo devia ser muito generalizada, pois os apologistas cristãos davam muitas vezes o seu melhor para refutar a acusação. Por volta de finais do século II d.C., Taciano (*Oratio ad Graecos* 27.1) menciona o mesmo que os pagãos chamavam aos cristãos de *atheotatous*, ‘os mais ateus’. [...] Justino Admite que os cristãos eram realmente ateus no que respeita à sua atitude perante os deuses pagãos. É de facto difícil ver como os pagãos poderiam ter pensado de outro modo, dado que os cristãos não tinham templos ou estátuas de divindades e não faziam sacrifícios. [...] Aos olhos do filósofo pagão Celso (c. 180), citado por Orígenes (184-254) no seu *Contra Celsum* (7.62: redigido c.249), isto tornava os cristãos comparáveis a outros povos incivilizados que também não tinham deuses, como os bárbaros Citas ou os nómadas Líbios. [...] Dificilmente é surpreendente que os Judeus fossem vítimas das mesmas acusações, apesar de terem um templo. [...] e Juliano, o Apóstata (*Contra Galileos* 43), afirmou mesmo que os cristãos herdaram o ateísmo dos Judeus. (MARTIN, 2010, p. 31-32)

A utilização do termo com esta perspectiva analítica também é abordada por Onfray, como foi dito anteriormente e podemos ver a seguir:

Os devotos de ontem e de anteontem têm todo o interesse em fazer passar o pior e a negatividade contemporânea por um produtor do ateísmo. Persiste a velha ideia do *ateu* imoral, amoral, sem fé nem lei ética. O lugar-comum para o último ano do colegial segundo o qual “se Deus não existe, então tudo é permitido” – refrão extraído

⁴⁴ Teoria, pensamento, ideia ou prática que foge do que é definido por sagrado pela religião seguida, que divirja com o aceito como sagrado.

de Os irmãos Karamazov de Dostoiévski – Continua produzindo efeitos, e de fato a morte, o ódio e a miséria são associados a indivíduos que invocariam a ausência de Deus para cometer seus crimes. Essa tese equivocada merece ser bem e devidamente desmontada. Pois o inverso me parece bem mais verdadeiro: “Porque Deus existe, então tudo é permitido” (ONFRAY, 2007, p. 29)

A utilização da palavra *ateísmo* com estas conotações que acabamos de ver, continuou por vários séculos, portanto, o termo empregado com esse sentido *herético* foi ganhando cada vez mais força, a ponto de ser adotado com um dos principais argumentos para guerras e invasões, qualquer pessoa ou cultura que não se enquadrasse em um conceito determinado pelo clero ou visão religiosa popular daquela região seria rotulado como *ateu*, com seu sentido mais pejorativamente carregado possível, aquele que era portador do mal, dotado de comportamentos abomináveis, isento de escrúpulos e ética, como bem vimos com as afirmações dos autores. Dentro da perspectiva da contemporaneidade, vemos este forte emprego inclusive nos dias de hoje. Arriscaria afirmar que, em se tratando do contexto nacional brasileiro este sentido vinha perdendo força, porém com os atuais acontecimentos políticos, nitidamente esse contexto pejorativo volta a se fortalecer com proporções absurdas, junto de diversos outros problemas sociais, porém, é necessário um estudo bem elaborado sobre essas questões.

É clara a insatisfação e revolta de Onfray com o uso do termo *ateu/ateísmo* a fim de culpar o acusado das mazelas e atrocidades cometidas pelo mundo, principalmente se nos atentarmos a atribuição que é feita pela criminalidade através da ausência de Deus, claramente deixando a entender que esses crimes são praticados apenas pelos descrentes, porém, para ele, esta questão funciona justamente ao contrário, haja vista que Deus teria criado inclusive essas mazelas, ao acusar alguém de ateísmo e atribuir a culpa desses males, seria remover a culpa de Deus e passar para o acusado, portanto, essas ações vis são causadas justamente pelo oposto, por aqueles que creem nesta divindade e acusam tudo e todos de hereges.

Excluindo todos esses conceitos deturpados e utilizados na intenção de ofensa a outrem, devemos observar que neste momento da história humana o ateísmo tem uma espécie de estágio puro ou primitivo, o qual posteriormente é absorvido por um processo mais complexo, abarcando uma ramificação com distintos pensamentos, posturas, ótica e perspectivas. O ateísmo como negação da crença, referindo-se a este suposto estado primitivo, dialoga diretamente com a questão da crença em sentido amplo, em alguns outros momentos com a questão do ente transcendental, assim como do transcendentalismo em si. Em outras situações prende-se a um sentido estrito, ou seja, do processo religioso, fazendo com que não haja a anulação da crença religiosa como um todo, como é no caso da existência de religiões ateias, pelo menos neste sentido, estrito.

Como vimos anteriormente no caso de filosofias que negam quaisquer noções metafísicas, o ateísmo neste seu estágio trabalha com esta mesma perspectiva, posteriormente tornando-se uma das ramificações do pensamento ateu, como veremos melhor detalhado no tópico seguinte. Esta noção materialista e conseqüentemente até certo ponto anti metafísica é basicamente o que estrutura e estruturou o pensamento ateu de forma ativa até os dias atuais, este pensamento surge derivado de vertentes de pensamentos com grandes influências do próprio cristianismo observado de forma racionalista, como é o caso dos pensamentos de Tomás de Aquino⁴⁵ (1225-1274).

1.3.2. ATEÍSMO FILOSÓFICO OCIDENTAL (PÓS SÉCULO XVII)

Com o avanço do cristianismo, posteriormente também do próprio islamismo, transformando o mundo majoritariamente em uma sociedade monoteísta⁴⁶, o sentido do termo *ateu/ateísmo* começa a tomar uma forma um pouco diferente, embora ainda carregada de um sentido pejorativo.

No ocidente, com o fortalecimento do pensamento filosófico separado do pensamento religioso⁴⁷, graças as influências do materialismo ligado ao racionalismo, dentro da própria religião católica isso vai dando cada vez mais abertura para a estruturação destes pensamentos de forma separada, conseqüentemente o desenvolvimento de uma lógica própria para cada um deles. Com essa separação e fortalecimento individual destes pensamentos de forma independente, o termo *ateu/ateísmo* começa a se desenvolver em seu sentido filosófico, atingindo um grau de complexidade bem elevado, em comparação ao sentido totalmente genérico que era adotado anteriormente. A partir deste momento, vários fatores passam a ser levados em conta na observação e julgamento dos atributos ateus, considera-se o posicionamento (implícito ou explícito) do indivíduo, o argumento (negativo ou positivo), a ótica (passivo ou ativo) e o sentido (estrito ou amplo). Essa combinação de fatores torna o processo de identificar o tipo de ateísmo presente no pensamento, argumento e contexto algo extremamente complexo, e eis aqui a diferença do ateísmo filosófico ocidental pós século XVII.

Primeiramente precisamos entender a diferença entre os argumentos negativo e positivo. No argumento negativo, afirma-se **não crer na existência** do objeto, já no positivo, afirma-se

⁴⁵ Teólogo e filósofo medieval conhecido por pensar e argumentar o cristianismo através da razão, criando uma espécie de cristianismo racionalista.

⁴⁶ No sentido de religião oficial por parte da maior parte das sociedades atuais.

⁴⁷ Através da teologia.

crer na inexistência. Precisamos deixar bem claro o contraponto existente entre esses dois argumentos, já que não crer na existência de algo é totalmente diferente em crer na inexistência de algo. Na primeira afirmação há ausência de imposição, seja através do desconhecimento ou até mesmo do conhecimento, já na segunda afirmação há a presença de imposição através do conhecimento, seja ele qual for. Piva (2006, p. 41) ressalva que embora o ateu não acredite em tais questões transcendentais, o mesmo poderá em determinadas circunstâncias *blasfemar*⁴⁸ contra determinada religião, utilizando termos adotados por ela mesma para atacá-la, isso não torna o indivíduo menos ateu, ou menos descrente, pois ele também afirma que se este posicionamento (do ateísmo) for “relativo, virtual, latente, prático ou ‘quase-ateísmo’, este deixa de ser automaticamente ateísmo.” (PIVA, 2006, p. 44). Piva faz esta colocação se referindo à algumas definições de ateísmo utilizadas por alguns autores que cita em seu livro, porém é também totalmente pertinente à esta questão aqui colocada.

Em segundo momento, precisamos entender a questão do pensamento agnóstico, para tal, o autor Martin (2010) aborda esta questão com muita maestria, fazendo inclusive distinções entre os tipos de agnosticismos. O agnosticismo é o posicionamento que afirma não ter ou não haver possibilidades de se ter uma certeza sobre a existência/inexistência da entidade divina, embora ele possa ter sua posição quanto a isso, opta pela imparcialidade na argumentação da resposta. Essa decisão, seja ela para ausentar-se da culpa ou pela incerteza de fato, faz com que o termo tenha uma conotação mais complementar do que de fato classificativa, portanto, agnosticismo está atribuído à um posicionamento de incerteza ou desconhecimento, podendo o indivíduo ser tanto um ateu como um teísta agnóstico, este pensamento cria a possibilidade de categorização de um posicionamento ateu chamado de *ateu agnóstico*, conforme abordaremos adiante. Martin (2010) separa o agnosticismo em duas ramificações, *Agnosticismo Cético* e *Agnosticismo do Cancelamento*. Na primeira utiliza-se o argumento de que tanto não há boas razões para se acreditar em Deus, como também não existem boas razões para não se crer. Já no segundo agnosticismo é o inverso, o argumento é de que tanto há boas razões para se crer como para não se crer. Entendendo, portanto, o agnosticismo desta forma, podemos adentrar no ateísmo de fato.

Para alguns autores, como Piva (2006), Onfray (2007) e Minois (2014), o termo ateu com seu real sentido etimológico teria começado a ser utilizado de fato só após o século XVII, com o padre francês Jean Meslier. Este sentido do termo ateu ganha força posteriormente, no fim do século XVIII, com o fortalecimento do Iluminismo e das inquietações derivadas da forte

⁴⁸ Atacar a religiões, escritura sagrada ou até mesmo ofender um ente religioso.

presença do ateísmo e de movimentos religiosos contrários à soberania católica nos sistemas de governo, sendo assim, surge o primeiro estado laico com a queda da bastilha, na qual uma das exigências era justamente a separação entre governo e estado.

Como vimos anteriormente, a identificação do tipo de ateísmo ou do indivíduo ateu depende de uma combinação de fatores, a fim de categorizar para identificar de qual tipo se trata. Neste quesito, autores e pensadores já bastante utilizados aqui reforçam e abordam essas questões com extrema maestria, como Cancian (2002), Piva (2006), Onfray (2007), Martin (2010) e Minois (2014). Como vimos anteriormente, a identificação de que tipo de ateísmo estamos falando depende de fatores como: posicionamento do indivíduo, o argumento, a ótica e o sentido, neste momento, veremos do que se trata cada um desses fatores.

Em primeiro momento, devemos identificar o tipo de posicionamento do argumento/indivíduo, ou seja, se é **implícito** ou **explícito**, é neste momento em que identificaremos se a abordagem é feita de forma deliberada ou não, observando a intencionalidade do argumento utilizado. Em segundo momento, devemos observar qual tipo de argumento é utilizado, **negativo** ou **positivo**, pois, este é o momento em que será identificado o tipo de abordagem quanto à afirmação sobre haver uma descrença na existência ou uma crença na inexistência. Partindo para o terceiro momento, identificamos a ótica utilizada, **passivo** ou **ativo**, neste momento é onde percebemos o tipo de afirmação, se é argumentado a questão do conhecimento ou desconhecimento, aqui é o momento em que se identifica se o argumento utilizado baseado na premissa de ser possível ou não a obtenção da resposta para o questionamento do transcendentalismo em questão, este ponto trabalha juntamente com o pensamento *agnóstico* (Cético ou do Cancelamento) que vimos anteriormente. E em último lugar, identifica-se o sentido da argumentação, se é **estrito** (*strictu*) ou **amplo** (*lato*), neste momento identificamos se o posicionamento é ligado diretamente à uma religião ou conceito de divino em específico (sentido estrito) ou no contexto geral de religiões no plural, ou seja, a todas as religiões e conceitos transcendentais (sentido amplo).

A seguir daremos alguns exemplos para facilitar o entendimento antes de adentrar às explicações mais detalhadas, portanto, imaginemos um indivíduo que se denomine ateu, ele, por se denominar ateu, tem plena consciência que assim o faz, ou seja, possui um posicionamento **explícito**, supondo também, que ele afirma não crer na existência de uma divindade, mesmo não militando em favor deste posicionamento, seus argumentos para formular essas ideias serão argumentos **negativos**, além disso, este indivíduo afirma que não há possibilidades de algum saber (ou alguém descobrir) a resposta para tal questão, sua ótica será **passiva**, e no final, durante todo este momento, esse indivíduo estava se referindo ao Deus

cristão, portanto, o sentido de suas ideias é no sentido **estrito** ao cristianismo, sendo assim, após ter descoberto todos esses posicionamentos acerca de nosso indivíduo fictício, ele será categorizado como um **ateu explícito, negativo, passivo e sentido estrito**. Pensemos em apenas mais um caso diferente do anterior, para facilitar ainda mais o entendimento, e desta vez, usaremos um tipo de ateísmo que é o mais comumente encontrado entre os ateus. Suponhamos então um segundo indivíduo que tem plena consciência de seu posicionamento ateu, portanto, novamente esta segunda pessoa também teria um posicionamento **explícito**, neste caso em específico, ele também acredita que a problemática transcendental em questão não existe, ou seja, ele acredita na inexistência dessa(s) divindade(s), logo, seu argumento é **positivo**, acredita também que está questão está bem resolvida, há como provar e comprovar essa inexistência, sua ótica então é **ativa**, e seu argumento se resume à todas as religiões e qualquer tipo de crença, portanto, trata-se de um pensamento em sentido **amplo**, sendo assim, neste exemplo temos um **ateu explícito, positivo, ativo e sentido amplo**. Mesmo com toda essa base e fundamentação, a identificação de qual tipo de ateísmo o indivíduo/argumento pertence, é uma tarefa extremamente árdua e complicada. Muitas das vezes os argumentos utilizados não refletem necessariamente ao tipo de posicionamento das ideias em si, principalmente quando nos referimos sobre os argumentos negativo/positivo do ateísmo, por exemplo, em grande parte das vezes o indivíduo argumenta que “não acredita em Deus”, quando na verdade, o teor da afirmação trata-se de uma crença na inexistência, portanto, um argumento positivo, e não uma crença na inexistência (argumento negativo). Sendo assim, fica clara a necessidade de observar a fundo o real sentido da argumentação, o que frisamos novamente, não é uma tarefa nada fácil. Após esses exemplos, podemos perceber a complexidade em entender o posicionamento de um ateu/agnóstico, e todo este arcabouço é necessário para analisarmos o objeto deste trabalho, o padre francês Jean Meslier. Sem esses complexos embasamentos estaríamos apenas atirando à esmo em uma escuridão de ideias e afirmações. Sendo assim, podemos agora abordar de forma detalhada cada um dos tipos de ateísmos que são comumente encontrados nos mais diversos contextos.

Reuniremos ideias de alguns dos maiores pensadores sobre o tema, já vistos anteriormente, que se preocuparam em fazer algumas distinções de forma detalhada sobre os tipos de ateísmo, Minois, Onfray, Martin, Comte-Sponville, Piva, Cancian e as agruparemos pertinentes à cada situação para facilitar o detalhamento. Portanto, de acordo com as nomenclaturas utilizadas por estes autores, percebe-se uma ramificação e dependências de pensamento em duas raízes, que posteriormente resulta-se em mais duas raízes para cada posicionamento, obtendo-se quatro tipos diferentes de posicionamentos frequentemente

abordados. As duas principais raízes são o Ateísmo Implícito (1.0) e o Ateísmo Explícito (2.0), que posteriormente resultam nas raízes Ateísmo Natural (1.1) e Ateísmo Prático (1.2), derivados do Ateísmo Implícito, e Ateísmo Passivo (2.1) e Ateísmo Ativo (2.2), derivados do Ateísmo Explícito (2.0). Estes tipos de ateísmos podem aparecer com algumas outras nomenclaturas (que abordaremos a seguir) por outros pensadores, inclusive algumas outras não abordadas aqui, porém, devemos nos lembrar dos quatro fatores de identificação que vimos anteriormente, Posicionamento, Argumento, Ótica e Sentido.

ATEÍSMO IMPLÍCITO (1.0)

Este tipo de ateísmo é comumente chamado de Ateísmo Implícito, Negativo, Agnóstico ou até mesmo de Ateísmo 1.0, originando a ramificação através dos números. Como vimos anteriormente na abordagem da explicação sobre posicionamentos nos ateísmos, este trata-se do posicionamento onde não há uma deliberação por parte do indivíduo ou de seu discurso, seja devido à alguma condição ou de forma intencional, portanto, não há nenhuma afirmação acerca da sua inclinação clara para o ateísmo, assim como para nenhum outro pensamento antagônico, em outras palavras, é utilizado o posicionamento **implícito** e o argumento **negativo**. Este ateísmo, como vimos anteriormente, se ramifica em mais dois, como veremos a seguir:

ATEÍSMO NATURAL (1.1)

Como primeira ramificação do ateísmo implícito, pode ser denominado de *Ateísmo Natural* pelo fato de não haver influências diretas de quaisquer pensamentos, esse aspecto do ateísmo “dá-se quando o indivíduo não tem condições de formular um questionamento sobre o conceito de ‘Deus’, seja por ignorância ou por não ser capaz” (MANGUEIRA, 2014, p. 20). Cancian dá como um exemplo neste tipo de ateísmo, a criança, por não haver cognição suficiente para entender do que se trata o conceito de religião, divindade, transcendentalismo, etc., já que não há deliberação de seus posicionamentos, “todos os bebês nascem sem discernimento suficiente para compreender a noção de um deus” (CANCIAN, 2007, p. 21), encaixando-a nesta definição.

Ao se deparar com argumentos de religiosos que tentam refutar a possibilidade de uma criança nascer e ser ateia até certo momento de sua vida, como Cancian afirma a possibilidade de tal argumento, “é injusto taxar qualquer pessoa incapaz de formar seu juízo a respeito do assunto como uma ateísta” (CANCIAN, 2007, p. 21), precisamos nos ater que o ateísmo só é

um posicionamento deliberado no *Ateísmo Explícito (2.0)*, como veremos mais adiante, portanto, o indivíduo deste tipo de ateísmo não tem posicionamentos deliberados, ou seja, não são afirmações, não é uma crença em algo, como vimos anteriormente, é uma não crença em algo, é uma falta de posicionamento e afirmação. Sendo assim, diante da não capacidade mental e cognitiva, até aquele momento, de se formular um conceito sobre o divino, este indivíduo se encaixa nesta definição. Portanto, de acordo com o que vimos anteriormente, este ateísmo possui posicionamento **implícito**, argumento **negativo** e ótica **passiva**.

ATEÍSMO PRÁTICO (1.2)

O Ateísmo Prático, também denominado de Ateísmo 1.2, se dá quando o indivíduo prefere manter-se neutro perante suas afirmações quanto ao debate religioso, embora aqui já exista a capacidade de entender os conceitos e formular suas próprias opiniões, o indivíduo em questão não explicita seu posicionamento pelos mais diversos fatores possíveis. Este tipo de ateísmo é em sua maior parte do tempo denominado como o agnosticismo propriamente dito.

Como vimos anteriormente, existe dois tipos de ateísmos agnósticos, o agnosticismo cético e o agnosticismo do cancelamento. O primeiro dos dois, dá-se através do argumento de que tanto **não há** boas razões para se acreditar no divino, como **não há** para se não acreditar. O segundo agnosticismo é o oposto, o indivíduo acredita que tanto **há** boas razões para se acreditar no divino, como também **há** boas razões para não se acreditar, por esta forma seu posicionamento é neutro e permanece uma incógnita até este momento. Sendo assim, entenderemos este ateísmo como uma postura com posicionamento **implícito**, argumento **negativo** e ótica **ativa**.

ATEÍSMO EXPLÍCITO (2.0)

Este tipo de ateísmo é costumeiramente chamado de Ateísmo Explícito, Positivo, Militante ou até mesmo Ateísmo 2.0. A partir deste momento, veremos um posicionamento explícito com uma argumentação afirmativa por parte do indivíduo/discurso, portanto, neste tipo de ateísmo temos a afirmação da crença na inexistência mesmo que em pequeno grau ou até mesmo aparentando não existir, de forma contrária ao que vimos anteriormente, sendo assim, aqui nos deparamos com o posicionamento **explícito** e argumento **positivo** do ateísmo. Este posicionamento se ramifica em mais duas raízes:

ATEÍSMO PASSIVO (2.1)

Ateísmo Passivo, também chamado de Cético ou Ateísmo 2.1, como o próprio nome já diz, baseia-se no ceticismo⁴⁹, ou seja, baseado na desconfiança dos pensamentos e das afirmações. Este ateísmo baseia-se na falta de provas para afirmar a inexistência de Deus(es). O processo de construção do pensamento por parte deste tipo de ateísmo é semelhante ao do Ateísmo Prático (1.2), baseando-se na estrutura de pensando do Agnosticismo (Cético ou do Cancelamento) para fundamentar suas decisões, porém, diferentemente daquele momento, neste ateísmo há a afirmação da inexistência. É o posicionamento explícito e a argumentação positiva que prevalecem neste pensamento. Este tipo de ateísmo não se impõe de maneira tão afirmativa e militante como o ateísmo que veremos posteriormente, embora este ateísmo trabalhe com uma deliberação do posicionamento (**explícito**), assim como a argumentação da crença na inexistência (**positivo**), fundamenta-se suas ideias e concepções a partir da ótica passiva, portanto, enxerga todo esse debate religioso com afirmações sem certezas absolutas, com possibilidades de erros, portanto, trabalha com o pensamento no sentido de que a inexistência é a resposta mais coerente, diferentemente do Ateísmo Prático (1.2), que vimos anteriormente, e do Ateísmo Ativo (2.2), que veremos a seguir, agindo como uma espécie de meio termo entre estes dois tipos tão distintos de ateísmos. Portanto, este ateísmo possui um posicionamento **explícito**, uma argumentação **positiva** e uma ótica **passiva**.

ATEÍSMO ATIVO (2.2)

Por fim, chegamos no Ateísmo Ativo (2.2), também chamado de Ateísmo Crítico. É o tipo de ateísmo baseado na certeza, aqui o indivíduo afirma ter provas contundentes em favor de seus posicionamentos e afirmações, afirma convictamente a inexistência de deuses, portanto, para este indivíduo a questão já é dada como resolvida, “Deus não existe”. Apesar do tipo de ateísmo que vimos anteriormente, o Ateísmo Passivo (2.1), também trabalhar com a afirmação da inexistência, a diferença entre esses dois tipos é a forma da postura, no caso, através da ótica, que neste tipo é ativa. Como vimos anteriormente, a ótica ativa é responsável pelo entendimento

⁴⁹ Escola de pensamento baseado na dúvida e desconfiança dos fatos à fim de pô-los a prova, originando um processo empírico científico através do ceticismo científico. Filosoficamente, é a doutrina que afirma onde a mente humana não pode ter certeza sobre a verdade, gerando então o pensamento de desconfiança. O mesmo vale para o ceticismo religioso, no qual paira a visão da desconfiança e dúvida sobre os as afirmações religiosas.

de que a questão há possibilidade de conhecimento, portanto, nesse caso, justificando sua afirmação através deste pressuposto.

Um dos maiores pré-requisitos para esta postura, é fundamentar-se no racionalismo⁵⁰, como também no materialismo⁵¹ e posteriormente no evolucionismo⁵². As argumentações desse tipo de ateísmo baseiam-se na refutação, sendo assim, podendo utilizar, inclusive, passagens religiosas como forma de demonstrar tal impossibilidade sustentação de plausibilidade. Portanto, este tipo de ateísmo possui o posicionamento **explícito**, argumentação **positiva** e ótica **ativa**.

Após toda essa abordagem sobre religião, teísmo, deísmo, religião natural e os ateísmos, podemos enfim começar nossa abordagem direta a este icônico indivíduo e de extrema importância para muitos acontecimentos posteriores ao século XVII contribuído para diversos fatores, como veremos através de alguns autores, até mesmo para o surgimento do Iluminismo, do Socialismo e do Comunismo.

⁵⁰ Escola de pensamento que atribui a razão, o raciocínio como operação mental como pensamento lógico, tendo-a como meio de conhecimento e explicação da realidade do objeto. O mesmo vale para o âmbito religioso, onde o racionalismo religioso é a tentativa de explicar os acontecimentos e entendimento dos eventos religiosos através da razão humana, o que acaba se tornando um pré-requisito para o materialismo.

⁵¹ Escola de pensamento que utiliza da perspectiva do mundo material físico através da matéria como explicação para seus acontecimentos ou entendimento, explicando através desta perspectiva os fenômenos naturais, sociais e mentais.

⁵² Conceito intelectual baseado no processo evolutivo de algo, na transformação, erroneamente atribuído sempre ao conceito adjetivo de melhoria dos eventos. O processo evolutivo nada mais é do que a sucessão dos eventos em cadeia que ocasionam algum tipo de transformação, seja ela benéfica ou maléfica. Em grande parte dos casos, como este em específico, refere-se ao Evolucionismo Biológico, no qual afirma o processo evolutivo através da mutação genética natural decorrente da seleção natural das espécies.

2. A VIDA CLERICAL DE JEAN MESLIER

Como vimos anteriormente, a vida clerical do padre Jean Meslier não é marcada por muitos acontecimentos que lhe rendam grandes destaques, como no caso de alguns outros padres da época que possuíam posicionamentos e ideias semelhantes à dele, como vimos no caso dos padres Lefèvre, Guillaume e Pietro Gianonne, além do padre inglês Thomas Woolston, que foram condenados à morte justamente por não fazerem questão de se ocultarem, agindo sempre de forma explícita, porém, os poucos casos que lhe renderam importância, permite um estudo demasiado longo sobre ele.

O processo de revolta metafísica por parte de Jean Meslier acontece já inserido no clero cristão, o padre celebrava missas mesmo sem deixar de lado seu pensamento de revolta metafísica, fica claro esse posicionamento de revolta quando Jean Meslier dedica seus mais fortes argumentos diretamente contra o cristianismo. Em suas reflexões clericais o padre chega a afirmar em seus escritos que a noção de Deus é impossível, pois este conceito nunca entrará na mente humana:

Na suposição de uma vida onde homens serão mais iluminados do que estes, a infinidade de Deus será sempre tão distante entre suas ideias e o limite da mente do homem, que ele não estará apto a conceber Deus não mais em uma vida futura que no presente.⁵³ (MESLIER, 1878, p. 15, tradução nossa)

Portanto, podemos perceber a necessidade de se realizar uma análise sobre o processo catequético praticado por Jean Meslier. Tais posturas adotadas durante as missas nos farão entender cada vez mais sobre os pensamentos e posturas adotadas pelo padre, o que é primordial para uma análise coerente sobre um indivíduo em seu local de atuação.

2.1. TEOLOGIA E CATEQUESE

A forma como Jean Meslier aplicava seus sermões religiosos lhe renderam diversos problemas, como vimos anteriormente no início deste trabalho, isso se deve a seus posicionamentos adquiridos durante toda a sua vida, portanto, reflete também em sua postura teológica. A teologia adotada pelo padre é muitas das vezes assimilada à uma teologia deísta ou até mesmo protestante do que a qualquer outra coisa, Voltaire entendia essa linha de pensamento e postura como *teísmo*, como vimos anteriormente, fazendo-o acreditar que as

⁵³ “In the supposition of a life where men will be more enlightened than in this one, the infinity of God will always place such a distance between his idea and the limited mind of man, that he will not be able to conceive of God any more in a future life than in the present”

afirmações do padre nada tinham a ver com um pensamento ateu. Sabemos que em vida ele não poderia afirmar a inexistência de Deus ou a falsidade das doutrinas cristãs pois seria punido com a morte, assim como aconteceu com outros que tentaram fazer semelhante, portanto, a forma mais segura e sensata de expor seus posicionamentos sem sofrer duras represálias era adotando uma postura que entendemos como um deísmo, ou criticando o cristianismo em forma de uma religião natural. Em seu testamento, veremos mais adiante neste trabalho que não se tratava de fato um deísmo, como defendia Voltaire, veremos através da argumentação do padre francês, negações claras com relação a existência de um transcendental em qualquer sentido.

Meslier enxergava o processo teológico como uma tentativa absurda de tentar legitimar-se através de argumentos infundados e sem sentido. O padre também afirmava que o processo de construção teológica era o mesmo para todas as religiões pertinentes ao conceito de teísmo que vimos anteriormente, tentando legitimar-se através da retórica de ser a melhor opção:

Não há uma seita religiosa que não pretende ser verdadeiramente fundada pela autoridade de Deus e inteiramente isenta de todos os erros e imposições que se encontra nas outras.⁵⁴ (MESLIER, 1742, p. 6, tradução nossa)

Meslier, ao questionar-se sobre os atributos de Deus, afirma que “Deus é tudo que querem os sacerdotes”⁵⁵ (MESLIER, 1790, p. 5, tradução nossa) no sentido de que Ele não é um conceito concreto, mudando de sentido e definição a todo momento de acordo com a vontade e necessidade do clero. Para ele, Deus seria tratado como espírito para “assustar aqueles que são tudo matéria”⁵⁶ (MESLIER, 1790, p. 5, tradução nossa), diminuindo o mundo material dos indivíduos, fazendo que com os mesmos priorizassem o plano espiritual, efetivando ainda mais a manipulação por parte do sacerdócio na sociedade, desta forma, tentando combater o materialismo.

O padre afirma também que Deus é tratado como eterno apenas para “fazer durar por mais tempo o poder da igreja”⁵⁷ (MESLIER, 1790, p. 5, tradução nossa), criando assim um regime de controle duradouro e um legado religioso que perpetuasse por séculos sem sofrer os abalos de uma morte física, eliminando a finitude como parte do processo teológico. Em sua concepção, a independência de Deus se dá “porque os padres jamais quiseram depender de alguém”⁵⁸ (MESLIER, 1790, p. 5, tradução nossa), argumentando dessa forma, podemos

⁵⁴ “Il n’y a aucune secte particulière de religion, qui ne prétende être véritablement fondée sur l’autorité de Dieu et entièrement exempte de toutes les erreurs et impostures qui se trouvent dans les autres.”

⁵⁵ “Dieu est tout ce que veulent les Prêtres.”

⁵⁶ “Pour faire peur à ceux qui sont toute matière.”

⁵⁷ “Pour faire durer plus longtemps le pouvoir de l’Église.”

⁵⁸ “Parce que les Prêtres n’ont jamais voulu dépendre de personne.”

entender que ele se refere ao fomento de poder pelo clero, independência em um mundo governado por um regime político absolutista, reis e imperadores, é sinal de um poder absurdo, podendo controlar e influenciar diversos aspectos da sociedade sem sofrer nenhuma retalia por parte do estado. O padre continua seus ataques ao cristianismo afirmando que a concepção de Deus é infinita “porque a igreja não quer ter limites”⁵⁹ (MESLIER, 1790, p. 6, tradução nossa), isso trabalha em conjunto com a afirmação anterior, a independência é de certa forma a noção da ausência de limites impostos por outrem, a infinitude torna este processo eterno, a eterna independência, fortalecendo todos esses aspectos que ampliaram o poder por parte do clero. Para ele a construção da noção de que Deus pode tudo se dá pelo fato de que desta forma Seu crente é “capaz de acreditar em tudo”⁶⁰ (MESLIER, 1790, p. 6, tradução nossa), esta argumentação trabalha diretamente em conjunto com as duas anteriores, não que isso signifique que as demais trabalhem de forma isolada, porém estes três pontos em questão são complementares uns aos outros, servindo como ampliadores mútuos, fazendo com que o indivíduo acredite que tudo possa ser possível fazer e acontecer, isso abre um leque de dominação sem influência e controle de nenhum outro nível social, como dos duques, reis, imperadores, etc.

Meslier finaliza seus questionamentos primários acerca de Deus argumentando que afirmar que Ele criou tudo não significa nada, pelo fato de ser uma afirmação vaga e sem constatação nenhuma. Por fim, para Meslier, o argumento de que Deus teria criado os humanos serve “para temer e servir as pessoas dos sacerdotes”⁶¹ (MESLIER, 1790, p. 6, tradução nossa), fechando assim o círculo de dominação e poder possuído pela igreja na sociedade, se auto legitimando como regência através do discurso religioso. Percebemos que toda essa argumentação adotada pelo padre francês parte de uma noção de religião peculiar ao clero cristão, e que o sentido que se toma por Deus é uma noção criada por esse clero para utilizar como dominação das massas, controle social e a construção de uma hierarquia bem sustentada e fundamentada, centralizando os poderes aos sacerdotes através da religião cristã, portanto, podemos perceber que a teologia pregada por Meslier é a invenção de Deus e do culto à Ele pela religião, e não no sentido contrário, a invenção da religião através do culto à Deus, sendo assim, entendemos que para o pároco Deus é criação do homem, como fica bem claro nestes posicionamentos.

⁵⁹ “Parce que l’Église voudroit n’avoir point de bornes.”

⁶⁰ “Il pourra tout tant qu’on voudra bien le croire.”

⁶¹ “Pour le craindre et le servir dans la personne de ses Prêtres.”

Essas argumentações feitas pelo padre nos dá uma noção básica da forma como Meslier aborda sua teologia e aplica sua catequese, utilizando sempre o materialismo como fundamento primordial. Como na prática cotidiana o padre francês não pode explicitar seus pensamentos de forma como gostaria, ele acaba por inserir fortemente as noções de racionalismo e materialismo em suas práticas clericais. Em vida, Meslier praticava seus sermões religiosos normalmente sem levantar nenhuma suspeita, mesmo que em sua vida secreta fosse diferente, porém os reflexos de seus questionamentos influenciavam de forma direta sua forma de catequese, ao questionar-se sobre a existência de um único Deus, Meslier responde que “sim e não! Existe apenas um Deus, mas esse único Deus se faz três.”⁶² (MESLIER, 1790, p. 6, tradução nossa), e esta era a noção de Deus pregada em sua paróquia. O padre também aborda sobre a questão da trindade cristã e ao dissertar sobre o que pode ser concluído da Santíssima Trindade, ele afirma que “é um devaneio renovado dos gregos. Veja Platão.”⁶³ (MESLIER, 1790, p. 7, tradução nossa).

Sua forma de catequese segue sempre esta linha de raciocínio que aqui estamos vendo, com um desdém velado ao pensamento cristão que impressionaria qualquer um até nos dias atuais, onde a liberdade de pensamento é relativamente mais aberta que a de seu tempo. Para melhor entendimento de como era a aplicação de suas posturas na prática do cotidiano clerical da igreja em que atuava, a partir daqui utilizaremos uma obra atribuída ao padre e publicada com o título *Catéchisme du curé Meslier (1790)*, obra esta baseada em mais fragmentos de seu testamento, compilado em forma de uma série de questionamentos respondidos pelo próprio padre francês, pensamentos estes que eram voltados ao processo catequético empregado pelo pároco.

Tal obra é iniciada falando que nela serão encontrados sussurros e insatisfações a muito difundidos pelos “amigos da ordem da verdade” que não se atreveram a escrever e publicar. A religião cristã, tratada como um erro e uma farsa, teve sua importância e força para servir de freio a um povo escravo e ignorante, porém, a medida que uma civilização torna-se mais conhecedora e inteligente a necessidade de regras baseadas em conceitos falsos tornam-se obsoletas, devendo ser governada somente por suas próprias leis e os indivíduos amadurecidos precisam apenas de virtudes públicas e morais privadas. Esta última afirmação é um problema inclusive nos dias atuais, se observarmos o contexto brasileiro então, a situação é ainda mais agravante.

⁶² “Oui, et non! Il n'y a qu'un Dieu ; mais ce Dieu unique en fait trois.”

⁶³ “Que c'est une rêverie renouvelée des Grecs. Voyez Platon.”

No capítulo X desta obra, Meslier aborda sobre a penitência, os sacramentos cristãos são divididos em três partes, são eles: A Contrição, a confissão e a absolvição, dentre eles, os dois últimos seriam os mais aplicados pelos padres. A contrição é o falso arrependimento do pecado praticado, fazendo com que o indivíduo o pratique novamente. A confissão é um tributo vergonhoso que a igreja cobra às mentes dos povos crentes para que eles façam o que ela quer, já que seus segredos foram suprimidos. A satisfação é uma reparação que se deve à Deus, ou seja, aos padres, por injustiças cometidas ao próximo. E a absolvição é uma descarga oral que salva o indivíduo do castigo eterno em outra vida, porém, não o absolve de uma satisfação temporânea nesta vida.

No capítulo XI o padre francês trata sobre os questionamentos envolvendo a indulgência, onde para ele a indulgência é uma piada sagrada vendida pela igreja, e comprada pelo cristão, para impedir que o remorso pelos pecados praticados pelos crentes afete de forma negativa o cotidiano social, para ele, a igreja tem poder para dar as indulgências pela mesma via que lhe dá poder para as outras ações, o abuso e a ignorância.

No capítulo XV, Jean Meslier argumenta sobre a crença e os mandamentos de Deus, para ele, crer em Deus é submeter-se servilmente a tudo o que a Igreja afirma ter recebido Dele através da revelação, essa revelação se dá através dos escritos sagrados, que em seu ponto de vista é algo mais do que suspeito, derivado de uma tradição incerta, a de padres infalíveis, embora sejam homens. Pecar contra a Fé, seria então feito de quatro maneiras: utilizando a razão, ousando duvidar, estando neutro ou indiferente e usando da tolerância. Ter esperança em Deus é nutrir-se de quimeras. Amar a Deus é praticar o impossível, pois, quem poderia amar o que não conhece, o que nunca viu e o que teme? Pecar contra o amor de Deus é, portanto, fechar o coração para um tirano que age em causas secundárias, que a qualquer momento pode nos aniquilar, como no terremoto de Lisboa⁶⁴. O domingo é guardado pois é o dia em que o Todo-Poderoso, que poderia criar mil mundos de uma só vez, descansou, depois de ter dificuldade em criar nosso mísero planeta, e ainda dizem que ele era três, ao mesmo tempo, nessa grande tarefa.

Mais adiante, no capítulo XVII o padre aborda sobre os pecados. Para ele a filosofia é a mãe dos pecados mais odiados pela igreja, pois dá vida a incredulidade e a tolerância, em seu ponto de vista os maiores pecados recriminados pela igreja, a oposição à pecaminosa filosofia

⁶⁴ Este evento em questão permanece uma incógnita se foi citado de fato por Meslier, se referindo ao terremoto acontecido na cidade de Lisboa em Portugal no ano de 1531, matando mais de 30mil pessoas, ou se este evento teria sido citado por algum dos transcritores de suas obras, adicionado posteriormente à sua morte, tratando-se do terremoto de 1755, ocasionando também um tsunami que matou entre 10 e 90mil pessoas.

seria justamente a teologia, que prega o amor do preconceito, a fé na palavra e o fanatismo. E por falar em fanatismo, em um outro momento, não mais pertinente à sua abordagem sobre pecados, se tratando deste processo catequético adotado pelo padre, encontramos ainda uma afirmação emblemática e marcante, ao falar sobre a instituição do sacrifício da missa, Meslier argumenta que ela serve apenas “para nos lembrar incessantemente que antigamente os judeus torturaram um fanático que eles deveriam ter enviado para pastar com as ovelhas, já que ele se dizia ser O Pastor”⁶⁵ (MESLIER, 1790, p. 15, tradução nossa).

Meslier também tratava a questão da encarnação divina como uma farsa, portanto, criticava diretamente a imagem de Jesus Cristo, no qual tentava se passar por Deus, desta forma, para ele, todos os valores cristãos são frutos de um conflito de fraudes e interesses particulares, como também percebemos ao padre afirmar que “os sacramentos são práticas supersticiosas, instituídas por truques para liderar os tolos”⁶⁶ (MESLIER, 1790, p. 9, tradução nossa). Desta forma, Meslier também argumentava que mais absurda do que a farsa em se tentar passar por Deus é a farsa da trindade cristã, quando o mesmo indivíduo é seu pai, seu próprio filho e ainda acresce de um espírito santificado, tornando, em sua perspectiva, essa lógica totalmente surreal e absurda.

Como podemos ver, sua forma de empregar o cristianismo é no mínimo absurda, estranha, contraditória e de causar espanto se compararmos ao que encontramos no cotidiano clerical cristão, independente de que época estejamos observando, tais ideias explicitadas é motivo para excomunhão de qualquer indivíduo que seja, muitos foram mortos por muito menos e estes posicionamentos que pudemos ver explicitados aqui eram postos em prática na igreja comandada por Jean Meslier o que de certa forma em algumas situações causavam alguns desconforto em alguns dos seus frequentadores, como vimos no início deste trabalho.

2.2. REVOLTA, MATERIALISMO, SOCIALISMO E COMUNISMO

A indignação de Jean Meslier perante as religiões é clara em seus escritos, como vimos por diversas vezes neste trabalho, sempre com um maior enfoque no cristianismo como um todo, claro. Tais afrontas são feitas de forma explícita a todo momento em seus escritos, como por exemplo ao afirmar que a religião dá a liberdade para a legitimação da violência e que é utilizada para sobrepujar outros povos em nome de Deus, dando como exemplo os Romanos,

⁶⁵ “Pour nous rappeler sans cesse qu'autrefois les Juifs supplicèrent un fanatique qu'ils auroient dû plutôt envoyer paître avec les brebis dont il se disoit si souvent le Pasteur.”

⁶⁶ “Ce sont des pratique superstitieuses, instituées par des fourbes pour diriger des sots.”

que usavam sua religião para dominar e massacrar praticamente toda a Europa, assim como os cristãos também o fizeram posteriormente, é o exemplo prático do oprimido tornando-se opressor. Ele tratava sua revolta sempre de forma muito agressiva, em um de seus escritos ele chega a iniciar argumentando “longe de mim todos esses charlatões! Que vendem a preço de ouro palavras sem sentido”⁶⁷ (MESLIER, 1790, p. 2, tradução nossa) se referindo aos valores difundidos pelo cristianismo através dos sacerdotes, e aqui podemos notar o seu grau de revolta com o cristianismo, que não poupa ataques sequer a agentes estatais, já que a administração pública era diretamente ligada à Igreja, como por exemplo reis, monarcas, políticos, padres, duques, condes, etc. Um dos mais chamativos e pesados comentários feitos pelo padre, demonstrando o maior nível de revolta que alguém poderia argumentar contra a religião e o clero cristão se dá quando Jean Meslier afirma que “todos os grandes da terra e que todos os nobres fossem enforcados e estrangulados com as entranhas dos padres”⁶⁸ (MEIJER, 1864, p. 19, tradução nossa), deixando claro o nível de sua insatisfação com todas as esferas da religião cristã.

Tal afronta às religiões não permanece apenas em sentido estrito ao cristianismo, embora seja onde resida seu maior encargo de ataques, o padre também critica às religiões em seu sentido amplo, fora do conceito de religiões cristãs. A maior parte da revolta existente em Jean Meslier se dá pela sua forte influência racionalista somada a seu posicionamento materialista. Como vimos no início deste trabalho, o padre era fortemente influenciado pelos pensamentos racionalistas do filósofo René Descartes, tais posturas serviram como base para o fortalecimento do materialismo em Meslier, além de percebermos que tais posicionamentos relacionados às mecânicas do universo apresentados por Jean Meslier continuam presentes um pouco mais à frente ao período em que viveu, essas influências somadas a outros fatores resultam no surgimento do iluminismo francês no século XVIII, essas semelhanças podem ser notadas em uma das afirmações feitas pelo Barão d’Holbach:

Os homens se enganarão sempre que abandonarem a experiência por sistemas criados pela imaginação; o homem é obra da natureza, está submetido às suas leis; ele não pode livrar-se dela, não pode, nem mesmo pelo pensamento sair dela (Barão d’Holbach)

Este tipo de argumento demonstra o entendimento do racionalismo empírico utilizado por muitos pensadores, tal pensamento acaba por ampliar e intensificar uma metodologia

⁶⁷ “Loin de moi tous ces Charlatans ! Qui vendent à prix d’or des mots vuides de sens.”

⁶⁸ “Que tous les grands de la terre et que tous les nobles fussent pendus et étranglés avec les boyaux des prêtres”

científica que será adotada durante séculos, até os dias atuais. Todas as afirmações utilizadas pelo padre para criticar as posturas religiosas são baseadas nesses preceitos, nos fazendo perceber que Meslier nega a metafísica a todo momento, justamente por não se encaixar no pensamento racionalista-materialista. Esse entendimento é também afirmado pelo filósofo brasileiro, Piva, quando afirma que:

Nessa mesma direção encontramos o estudioso russo Abram Déborine. No seu entender, apesar de ser menos conhecido do que La Mettrie, Diderot, Holbach e Sade, Meslier é o "pai do materialismo e do ateísmo francês do século XVIII. (PIVA, 2006, p. 58)

Piva se refere ao fato de Meslier ser desconhecido quanto aos posicionamentos ateístas, racionalistas e materialistas, que embora existentes e explícitos, fora ocultado pelo fato de estar diretamente ligado à igreja católica. O filósofo brasileiro vai ainda mais adianta quando afirma que “para Déborine, ele seria também ‘o precursor do socialismo e do comunismo utópico franceses’” (PIVA, 2006, p. 58). Na mesma direção, quanto ao ateísmo e materialismo presente em Jean Meslier, segue a afirmação dos autores que vimos no início deste trabalho, Jean Deprun, Albert Soboul e Roland Desné, no qual eles o tratam como “o primeiro comunista ateu que o mundo conheceu”, como também é abordado pelo filósofo Piva:

Jean Deprun, Albert Soboul e o próprio Desné vão mais além. Asseveram com convicção que Meslier foi o “primeiro comunista ateu” ou “o primeiro ateu comunista que o mundo conheceu”. A hipótese de Desné em particular é que “Meslier seria o primeiro, talvez o primeiro do mundo, a unir essas duas tradições”, enfim, um “ateu e comunista *avante la lettre*.” (PIVA, 2006, p. 59)

Porém, afirma que os três “ressaltam que houve ateus antes dele, [...] mas não ateus e comunistas simultaneamente” (PIVA, 2006, p. 59), considerando que neste momento o ateísmo abordado pelos autores não parecem ser de fato um ateísmo, ou pelo menos não um ateísmo em seu sentido estrito ou amplo como foi abordado no início deste trabalho, e sim um ateísmo dotado de preconceitos, sentidos pejorativos e que mais parecem um ato de heresia, ou até mesmo um *quase ateísmo*, que, como vimos anteriormente, não podemos enquadrar como uma forma de ateísmo em si.

A argumentação em prol de um socialismo e comunismo primário por parte dos autores, se dá pelo fato da retórica catequética abordada pelo padre, mas não apenas isto, Meslier era retratado em vida como detentor de poucos pertences devido a sua prática de doações, acolhimento em sua paróquia e até mesmo com noções de igualdade entre os demais. Sua revolta com o clero lhe rendeu até mesmo atribuições como *anarquista*, quando na verdade sua

principal insatisfação se dava pela humilhação e sofrimento no qual via o povo sofrer, fazendo com que o padre tomasse posturas de partilha de bens não muito comuns à este contexto inserido o clero cristão, o ato de doar seus pertences também era feito de forma corriqueira, como vimos no início deste trabalho, fortalecendo ainda mais seus títulos de socialista e comunista. Mesmo sendo causas em recente evidência e constante luta devido ao surgimento dos movimentos protestantes na época, o protestantismo combatia, dentre vários outros problemas sociais, o que chamavam de *sodomia*⁶⁹, aparentemente sem muito critério para o uso de tal termo, possivelmente Jean Meslier tenha pegado carona neste consciente coletivo da época.

2.3. POSICIONAMENTOS E ARGUMENTAÇÕES

Como vimos aqui por diversas vezes, as críticas de Jean Meslier não se limitavam apenas ao teísmo e a religião cristã, mas também atingia a todas as formas de religião, quando ele afirma que “ignorância e medo são os dois pivôs de toda religião”⁷⁰ (MESLIER, 1878, p. 16, tradução nossa), nos fazendo entender que não se trata apenas no sentido estrito ao cristianismo. Assim como é evidente em seu questionamento afirmativo, trazido por Voltaire no extrato XIX de sua transcrição do testamento, de que a existência de Deus não está (e nem pode ser) provada, além do fato de tornar-se cada vez mais impossível:

Por qual fatalidade é que a ciência de Deus nunca foi explicada? As mais civilizadas nações e os mais profundos pensadores têm a mesma opinião em relação ao assunto como as nações mais bárbaras e o mais ignorante e povo rústico. À medida que examinamos o objeto mais de perto, descobriremos que a ciência da divindade por meios de devaneios e sutilezas se obscurece cada vez mais.⁷¹ (MESLIER, 1878, p. 18, tradução nossa)

Completando esse pensamento, Meslier ao questionar-se sobre o posicionamento de suas crenças primárias, afirma:

Eu só acredito na Virtude. Se existe um Deus, eu não acredito que tenha um filho; que esse filho foi crucificado; que um dia ele venha jugar os vivos e os mortos. Nem acredito no Espírito Santo da igreja, muito menos na infalibilidade. Eu gostaria de ser

⁶⁹ Não em sentido ligado diretamente à homossexualidade ou práticas sexuais não aceitas convencionalmente como é mais conhecido. O termo *sodomia* também era utilizado com outras conotações pejorativas, remetendo ao sentido de práticas dos cidadãos de Sodoma (cidade bíblica), o que abrangia luxúria, avareza e outros formas de criminalidade da época.

⁷⁰ “Ignorance and fear are the two pivots of all religion.”

⁷¹ “By what fatality is it that the science of God has never been explained? The most civilized nations and the most profound thinkers are of the same opinion in regard to the matter as the most barbarous nations and the most ignorant and rustic people. As we examine the subject more closely, we will find that the science of divinity by means of reveries and subtleties has but obscured it more and more.”

capaz de me convencer da ressurreição da carne, e preferiria amar a vida eterna.⁷² (MESLIER, 1742, p. 7-8, tradução nossa)

Esta afirmação nos faz refletir sobre até onde pode ser percebido uma crença no padre, pelo menos quanto a existência da dúvida nós podemos ter uma certeza, o que não queira dizer que permaneça apenas nesse estágio. Quando o padre segue adiante sobre a questão da crença apenas na virtude, ele afirma crer desta forma “porque a Virtude me parece ser a única Divindade digna do coração de um homem.”⁷³ (MESLIER, 1742, p. 8, tradução nossa), já que todas as outras “divindades”, em seu ponto de vista, demonstraram-se falhas, incompetentes, falsas e inexistentes. O padre completa afirmando “não ousou afirmar a existência de um Deus, porque eu vejo o mal e o perverso na terra e eu prefiro negar um Deus do que torná-lo um tirano”⁷⁴ (MESLIER, 1742, p. 8, tradução nossa), além de afirmar que não é possível se ter tanta certeza de sua existência, “não tanto quanto a geometria de Euclides e a aritmética de Bareme”⁷⁵ (MESLIER, 1742, p. 35, tradução nossa). Ao fazer tais afirmações, Meslier deixa claro sua visão da malevolência cristã e da tirania pregada por seu Deus, além da permissividade de tais perversidades, assim como sua dúvida sobre tal existência, ainda reforça falando sobre os trabalhos do Deus cristão, pois responsáveis por estes trabalhos, “se são os padres, e se o trabalho faz conhecer o trabalhador, é preciso confessar que Deus nem sempre faz um bom trabalho”⁷⁶ (MESLIER, 1742, p. 37, tradução nossa).

Quando nos deparamos com o extrato VIII de seu testamento, podemos perceber que complementa-se ainda mais o pensamento do padre sobre a questão do entendimento e comunicação com um transcendentalismo divino, para ele, “a noção de Deus é impossível”⁷⁷ (MESLIER, 1878, p. 15, tradução nossa), pois, a ideia de um ser infinito, segundo o clero católico, não é discernível neste mundo, apenas na vida após a morte, sendo assim, para Meslier, esta concepção nunca entraria na cabeça do homem, fazendo com que sequer tivéssemos a possibilidade de entender o acontecimento, pior ainda explicar e ensinar sobre, como fazem os homens, mesmo não tendo capacidade de entender questões no que se referem à anjos, arcanjos, serafins e santos.

⁷² “Je ne crois qu'à la Vertu. S'il existe un Dieu, je ne crois pas qu'il ait un fils; que ce fils ait été suspendu; qu'il vienne un jour juger les vivants et les morts. Je ne crois pas non plus au Saint-Esprit de l'Eglise, encore moins à l'infailibilité. Je voudrais bien pouvoir me persuader la résurrection de la chair, et j'aimerais assez la vie éternelle.”

⁷³ “Parce que la Vertu me paraît la seule Divinité digne du cœur de l'homme.”

⁷⁴ “Je n'ose affirmer l'existence d'un Dieu ; parce que je vois du mal et des méchants sur la terre, et j'aimerais mieux nier un Dieu que d'en faire un tyran.”

⁷⁵ “Pas autant que de la Géométrie d'Euclide et de l'Arithmétique de Barême.”

⁷⁶ “Si les Prêtres en sont, et si l'œuvre fait connaître l'ouvrier, il faut avouer que Dieu n'a pas toujours fait de bonne besogne.”

⁷⁷ “VIII – THE NOTION OF GOD IS IMPOSSIBLE”

Aprofundando ainda mais estes pensamentos, Meslier (1878, p. 18) afirma que é impossível estar convencido da existência de Deus, esta afirmação vem através do questionamento que o padre faz acerca da possibilidade de se estar convencido da existência de um ser a qual natureza é desconhecida, que permanece inacessível à nossos sentidos e cujas qualidades são asseguradas que são incompreensíveis para os humanos. Retomando à questão anterior, Meslier ao questionar sobre o fato de “a ciência de Deus” nunca ser explicada, neste ponto o padre afirma que todas as civilizações, desde as mais avançadas até as mais rústicas têm muito em comum, e que a medida que analisam estas questões de uma forma cada vez mais próximas, elas tornam-se cada vez mais obscuras. Meslier também argumenta sobre viés metafísico, pois, Deus seria feito de puro espírito, para ele, este argumento é atrelado à ignorância e total falta de conhecimento do funcionamento das mecânicas da natureza, pois, quando se questiona um “bárbaro” sobre o que move um relógio, ele responderá, “um espírito”, da mesma forma que ao questionar nossos filósofos sobre o que move nosso universo, eles responderão “é um espírito” (MESLIER, 1878, p. 19). Estes questionamentos feitos por Meslier (1878, p. 18-19), são retratados nos extratos XVII⁷⁸, XIX⁷⁹ e XX⁸⁰ transcritos por Voltaire.

Portanto, para Meslier, pensar sobre essas questões da forma como é imposta pelos pensamentos cristãos, é, portanto, além da concepção de algo impossível, um trabalho de ocupação mental sem resultados, à mando da igreja, como podemos ver no extrato VI:

Nos é dito que as qualidades divinas não são de uma natureza compreensível por mentes limitadas. A consequência natural deste princípio deveria ser que as qualidades divinas não são concebíveis por mentes limitadas; mas a religião nos afirma que mentes limitadas nunca devem perder o foco deste ser inconcebível, cuja qualidades nunca serão compreensível por eles: vemos que a religião é a arte de ocupar mentes limitadas com o que é impossível para elas compreenderem.⁸¹ (MESLIER, 1878, p. 15, tradução nossa)

Isto fica ainda mais claro e evidente quando o padre afirma que “toda religião é um absurdo”⁸² (MESLIER, 1878, p. 15, tradução nossa), referindo-se que a questão de que um Deus infinito é um absurdo sem modelo, protótipo e sem objetivo, pois, não há como um ser

⁷⁸ “XVII – IT IS IMPOSSIBLE TO BE CONVINCED OF THE EXISTENCE OF GOD”

⁷⁹ “XIX – THE EXISTENCE OF GOD IS NOT PROVED”

⁸⁰ “XX – TO SAY THAT GOD IS A SPIRIT, IS TO SPEAK WITHOUT SAYING ANYTHING AT ALL”

⁸¹ “We are told that Divine qualities are not of a nature to be grasped by limited minds. The natural consequence of this principle ought to be that the Divine qualities are not made to employ limited minds, but religion assures us that limited minds should never lose sight of this inconceivable being. Whose qualities can not be grasped by them: from which we see that religion is the art of occupying limited minds with that which is impossible for them to comprehend.”

⁸² “VII – EVERY RELIGION IS AN ABSURDITY”

finito comunicar-se com um ser infinito. Além de afirmar que a “espiritualidade é uma quimera”⁸³ (MESLIER, 1878, p. 19, tradução nossa), neste ponto, Meslier coloca os “bárbaros” e as civilizações tidas como “menos inteligentes” da época como tendo uma consciência mais elevada neste aspecto, pois, quando questionados sobre o conceito de *espírito*, eles atribuem à agentes ativos da natureza, como o “vento, o ar agitado, a respiração, no qual produzem, invisivelmente, efeitos que nós percebemos”⁸⁴ (MESLIER, 1878, p. 19), algo que a teologia moderna faz de forma menos inteligível ao afirmar que o espírito é uma “substância desconhecida” (MESLIER, 1878, p. 19), que não é nada tangível, não tem nada em comum com a matéria, diferentemente do anterior. Para ele, nenhum mortal tem a mínima condição de conceber a ideia do que seja esta substância, portanto, a noção de espírito para teologia moderna seria apenas uma forma de argumentar a falta de ideias (conhecimento).

Para Meslier (MESLIER, 1878, p. 20-29), além da espiritualidade ser uma quimera, acreditar em Deus é adorar uma ficção⁸⁵, e seria mais racional adorar o sol do que um Deus espiritual⁸⁶, além de afirmar que acreditar em deus nada mais é que uma mecânica habitual de infância⁸⁷, no qual é passado de pai para filho⁸⁸, que as maravilhas da natureza não provam a existência de Deus⁸⁹, as maravilhas da natureza auto explicam-se por causas naturais⁹⁰, o mundo não foi criado, e a matéria move-se por si só⁹¹. A fúria do padre diante o clero cristão é tanta, que ao questionar-se sobre a vida após a morte ele afirma “não importa o que ele se torne, estará feliz, porque ele estará fora das mãos do sacerdócio”⁹² (MESLIER, 1742, p. 29, tradução nossa). Todas estas afirmações e exposições ideológicas transcritos nos extratos por Voltaire, nos faz começar a entender melhor os posicionamentos de Jean Meslier, assim como as possíveis relações das interpretações feitas por Voltaire e os demais autores. Fica, de certa forma, fácil entender quais pontos são vistos como um deísmo por parte de Voltaire, quando o padre afirma, por exemplo, que as maravilhas da natureza não provam a existência de Deus. Esta afirmação é muito pertinente ao contexto do deísmo, que vimos anteriormente, porém, não podemos negar diversas outras afirmações que são feitas durante a construção das ideias, como por exemplo a

⁸³ “XXI – SPIRITUALITY IS A CHIMERA”

⁸⁴ “The wind, to the agitated air, to the breath, which produces, invisibly, effects that we perceive.”

⁸⁵ “XXVIII – TO ADORE GOD IS TO ADORE A FICTION.”

⁸⁶ “XXIV – IT WOULD BE MORE RATIONAL TO WORSHIP THE SUN THAN A SPIRITUAL GOD.”

⁸⁷ “XXXI – THE BELIEF IN GOD IS NOTHING BUT A MECHANICAL HABITUDE OF CHILDHOOD.”

⁸⁸ “XXXII – IT IS A PREJUDICE WHICH HAS BEEN HANDED FROM FATHER TO CHILDREN.”

⁸⁹ “XXXVI – THE WONDERS OF NATURE DO NOT PROVE THE EXISTENCE OF GOD.”

⁹⁰ “XXXVII – THE WONDERS OF NATURE EXPLAIN THEMSELVES BY NATURAL CAUSES.”

⁹¹ “XXXIX – THE WORLD HAS NOT BEEN CREATED, AND MATTER MOVES BY ITSELF”

⁹² “N’importe ce qu’il devient, il est heureux, puisqu’il se trouve hors des mains Sacerdotales.”

de que mundo não foi criado, e a matéria move-se por si só, aqui podemos perceber uma forte indicação da presença de um ateísmo explícito.

As críticas do pároco francês perante o cristianismo não cessam por aí, Jean Meslier aborda também sobre uma problemática que nunca permaneceu fora de contexto das civilizações, independentemente de qualquer axioma ou construção de discernimento ético que tivemos em nossas sociedades, o charlatanismo, visto por Meslier como àqueles que usam o nome da religião para tirar vantagem de homens fracos, é um questionamento que permanece ainda nos dias de hoje como extremamente atual, sem medo de anacronismo. Meslier, retrata o medo com uma necessidade para o homem manipulado e o medo deste homem para abandonar seus medos:

Aquele que de infância tem o hábito de se abalar toda vez que ouve certas palavras, necessita destas palavras, e necessita tremer. Desta forma ele está mais disposto a ouvir aquele que encoraja seus medos do que àquele que os afasta. O homem supersticioso quer ter medo, sua imaginação demanda isso. Parece que ele teme nada mais do que não ter objetos para temer. Homens são pacientes imaginários, que charlatões interessados cuidam para encorajar suas fraquezas, para consequentemente ter um mercado para seus remédios. Médicos que receitam um grande número de remédios são mais ouvidos do que àqueles que recomendam um bom regime e que deixam a natureza agir.⁹³ (MESLIER, 1878, p. 16, tradução nossa)

Só esta afirmação do padre já daria material para se desenvolver um longuíssimo trabalho sobre a questão da manipulação através do medo. A inerência deste sentimento com o desenvolvimento do comportamento, pensamento, valores e até das sociedades humanas é inegável em quaisquer aspectos que seja, o medo sempre foi utilizado como arma de manipulação e dominação pelos mais diferentes grupos sociais e sociedades, desde um alto grau hierárquico até o mais baixo na pirâmide de dominação, até mesmo para a subjugação de outros povos. Para Meslier, o que alimenta ainda mais estes sentimentos é a religião, para ele “a religião incita ignorância com a ajuda do maravilhoso [fantasioso]”⁹⁴ (MESLIER, 1878, p. 16, tradução nossa), portanto, é uma ferramenta manipulativa para controle do medo, e se a religião fosse clara, teria menos atração pelos ignorantes, pois, “eles precisam de escuridão, mistérios, fábulas, milagres, coisas incríveis, no qual mantém seus cérebros perpetuamente em trabalho.

⁹³ “He who from his childhood has had a habit of trembling every time he heard certain words, needs these words, and needs to tremble. In this way he is more disposed to listen to the one who encourages his fears than to the one who would dispel his fears. The superstitious man wants to be afraid; his imagination demands it. It seems that he fears nothing more than having no object to fear. Men are imaginary patients, whom interested charlatans take care to encourage in their weakness, in order to have a market for their remedies. Physicians who order a great number of remedies are more listened to than those who recommend a good regimen, and who leave nature to act.”

⁹⁴ “XII – RELIGION ENTICES IGNORANCE BY THE AIDS OF THE MARVELOUS”

Romances, histórias obsoletas, contos de fantasmas e bruxas, têm mais encanto para o homem comum do que narrações verdadeiras”⁹⁵ (MESLIER, 1878, p. 16-17, tradução nossa). Também, tratando-se da questão ao que se refere à religião, neste caso, uma das explícitas abordagens no sentido plural da palavra, os homens não passam de crianças crescidas, principalmente no que se discerne à religião, pois, para Meslier (1878, p. 17), quanto mais absurda uma religião é, mais cheia de maravilhas, mais poder ela exerce, o devoto sente-se obrigado a não colocar limites em sua crença. Quanto mais inconcebíveis as coisas são, mais divino parece para ele, mais incrível essas coisas são, mais mérito ele dá a si para crer.

Sendo assim, para ele, a origem de todas as religiões é baseada na ignorância e no medo, são os dois pivôs principais, o homem tem medo quando está na escuridão (seja ela moral, intelectual ou física), escuridão aqui, no sentido de analogia ao desconhecido, o não visto/sabido. Esse medo é habitual e torna-se uma necessidade, criando uma sensação de vazio, caso não tenha nada para temer. Junto com o pensamento religioso há também a necessidade de crer na superstição, não necessariamente nessa ordem de acontecimentos. Quando o indivíduo se torna muito assustado, atrelado a ignorância e o medo, começa a criar situações imaginárias para suprir a falta da explicação, é neste momento de “quando o cérebro está perturbado, acreditamos em tudo e não examinamos nada”⁹⁶ (MESLIER, 1878, p. 16, tradução nossa). Para Meslier, também, além dessas questões que vimos, toda religião nasce do desejo de dominar, pois os primeiros legisladores das nações tinham como objetivo a dominação, logo, ele afirma:

O meio mais fácil de obter sucesso era amedrontar as pessoas e privá-las da razão, eram levadas por caminhos torturantes de forma que não percebessem o trajeto de suas guias, obrigavam-nos a olhar para o ar, com medo de que olhassem para seus pés, os divertiam na estrada por histórias, em uma palavra, os tratavam da maneira dos enfermeiros, que usavam canções e ameaças para colocar as crianças para dormir, ou para força-las a ficarem quietas.⁹⁷ (MESLIER, 1878, p. 17, tradução nossa)

Meslier (1878, p. 26, tradução nossa) se posiciona também acerca do surgimento da humanidade, para ele é mais do que claro que a existência do homem não prova a existência de

⁹⁵ “They need obscurity, mysteries, fables, miracles, incredible things, which keep their brains perpetually at work. Romances, idle stories, tales of ghosts and witches, have more charms for the vulgar than true narrations.”

⁹⁶ “When the brain is troubled, we believe everything and examine nothing.”

⁹⁷ “The easiest means of succeeding was to frighten the people and to prevent them from reasoning, they led them by tortuous paths in order that they should not perceive the designs of their guides, they compelled them to look into the air, for fear they should look to their feet, they amused them upon the road by stories, in a word, they treated them in the way of nurses, who employ songs and menaces to put the children to sleep, or to force them to be quiet.”

Deus⁹⁸, assim como é impossível afirmar com certeza o surgimento dos homens, quando ele afirma que “o surgimento dos homens me parece ser uma produção da natureza, como todas as outras que ela abraça”⁹⁹, o mesmo coloca em questionamento sobre a aglomeração dos átomos ser a origem das coisas, porém, afirma que está convicto de que a origem não possa transcender algo que não seja da natureza. Este posicionamento pode nos fazer perceber uma certa inclinação tanto para um pensamento deísta quanto ateu, embora inicialmente aparente ser mais pertinente ao primeiro que ao segundo, porém, ao compararmos esta afirmação com o pensamento cosmogônico cientificista do Big Bang, percebemos que inclinação para o ateísmo é explicitamente clara.

Para o padre francês nem mesmo a ordem do universo é prova da existência de Deus¹⁰⁰ (MESLIER, 1878, p. 27, tradução nossa). Tal argumento é sempre utilizado para tentar provar a existência magnífica de Deus, porém, tais acontecimentos seriam frutos de causas e circunstâncias naturais, favoráveis e danosas para nós mesmos a todo momento. Para Meslier, a natureza segue seus fluxos constantemente e sempre no mesmo progresso, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos a menos que sejam interrompidas por algum agente, resultando na produção de efeitos diferentes. Quando causas são interrompidas e modificadas por efeitos desconhecidos pela sabedoria humana, aí então é atribuído a noção de sobrenatural, menos conhecida ainda pela mente dos homens. Para o padre, o universo está sempre em ordem, e atribuição de desordem e caos em determinados momentos se dá pela insatisfação dos homens em certos acontecimentos, como por exemplo terremotos, enchentes, erupções vulcânicas, doenças e outras catástrofes naturais. Tal argumentação de desordem entra em conflito com a noção da ordem criada por Deus, para Meslier, se Deus é criador e ordenador do universo Ele tem capacidade de mover cada motor responsável pelos mundos, se o argumento de convencimento é Sua existência, Sua inteligência, Seu poder e Sua bondade, tudo isso seria inconsistente, pois ele argumenta:

Você diz que Deus está em todos os lugares; que Ele preenche todos os espaços; que nada foi feito sem Ele; que a matéria não pode agir sem tê-lo como motor. Mas neste caso você admite que seu Deus é autor da desordem; que é Ele que bagunça a natureza; que Ele é o pai da confusão; que Ele está no homem; e que Ele está enganado quando eu estou enganado; Ele questiona comigo a existência de Deus; Ele ofende Deus

⁹⁸ “XLII – THE EXISTENCE OF MAN DOES NOT PROVE THAT OF GOD”

⁹⁹ “Man appears to me to be a production of nature like all others she embraces.”

¹⁰⁰ “XLIV – NEITHER DOES THE ORDER OF THE UNIVERSE PROVE THE EXISTENCE OF A GOD.”

comigo. Oh, teólogos! Vocês nunca entendem vocês mesmos quando falam de Deus.¹⁰¹ (MESLIER, 1878, p. 28, tradução nossa)

Esse apontamento feito por Meslier rapidamente nos faz lembrar do paradoxo de Epicuro¹⁰² (341A.C.-270A.C.), muito utilizado por Pierre Bayle¹⁰³ (1647-1706) ao questionar o problema do mal dentro do pensamento religioso e do poder divino:

Se deus é onipotente, onisciente, onipresente e benevolente, então o mal não poderia continuar existindo. Se for onipotente e onisciente, então tem conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele, ainda assim não o faz, então não é benevolente. Se for onipotente e benevolente, então tem poder para extinguir o mal e quer fazê-lo. Mas não o faz, pois não sabe quanto mal existe, nem onde está. Então não é onisciente e nem onipresente. Se for onisciente e benevolente, então sabe de todo o mal que existe e quer eliminá-lo. Então não é onipotente, pois se fosse, erradicava-o de uma vez por todas. E se Ele não for onipotente, onisciente, onipresente e benevolente, então porquê chama-lo de Deus? (Epicuro)

Podemos perceber a semelhança entre esses dois argumentos, mesmo que em distintos momentos da civilização humana e em tempos tão distantes. As influências do racionalismo de Descartes logo são percebidas aqui quando vemos tais pensamentos sendo postos em palavras, a lógica grega aristotélica entre em evidência e nos faz perceber, mesmo que de forma sutil, como as sociedades estão, de certa forma, ligadas umas as outras através do pensamento filosófico. Isso nos deixa a entender ainda mais a necessidade de se abordar os posicionamentos do padre através de um viés filosófico, mesmo que voltado para a questão o ateísmo, como faremos no capítulo a seguir.

¹⁰¹ “You say that God is everywhere; that He fills all space; that nothing was made without Him; that matter could not act without Him as its motor. But in this case you admit that your God is the author of disorder; that it is He who deranges nature; that He is the Father of confusion; that He is in man; and that He moves man at the moment when he sins. If God is everywhere, He is in me; He acts with me; He is deceived when I am deceived; He questions with me the existence of God; He offends God with me. Oh, theologians! you never understand yourselves when you speak of God.”

¹⁰² Pensador grego acusado de ateísmo por diversas vezes, muito conhecido pelo questionamento sobre o problema do mal e difusor de uma escola de pensamento conhecida como Epicurismo.

¹⁰³ Filósofo francês conhecido principalmente por abordar temas como o protestantismo e o ateísmo, além de tratar sobre a possibilidade de um ateu virtuoso, algo quase que impensável até a época.

3. FILOSOFIA, PROBLEMÁTICAS E RECONHECIMENTOS EM JEAN MESLIER

Uma das principais motivações em realizar este trabalho, se dá pela escassez de trabalhos sobre o ateísmo no mundo, ainda mais precário e agravante no Brasil, sendo assim, correlacionando o ateísmo com o padre Jean Meslier, onde teria originado este pensamento explícito de forma filosófica, a raridade em se encontrar algum tipo de trabalho é ainda mais evidente, inclusive em francês, língua original. Como bem coloca o filósofo Onfray (2007), há um forte “silêncio sobre Meslier o *imprecador* (O *Testamento*, 1729), silêncio sobre Holbach o *desmistificador* (O *contágio sagrado* data de 1768)” (ONFRAY, 2007, p. 21, grifo do autor), argumentando também que as instituições de ensino são as que mais favorecem esse esquecimento, “A Universidade repisa sempre, para ficarmos apenas no século dito das Luzes” (ONFRAY, 2007, p. 20).

No extrato V transcrito por Voltaire, Meslier afirma não haver necessidade de se crer em Deus, e que além disso, é mais coerente sequer pensar nisso, pois é clara uma controvérsia de argumentações acerca de sua existência, ao mesmo tempo em que afirmam que a existência de Deus é incompreensível para os humanos, logo atrelam atributos à essa noção (impossível) de Deus, para Meslier, esta é uma incoerência absurda. A medida que precisamos julgar a noção entre natureza e Deus, não poderíamos fazer sem uma concepção coerentemente elaborada:

Nenhum sistema religioso pode ser fundado senão sobre a natureza de Deus e dos homens, e sobre as relações que possuem um com o outro. Mas, para julgar a realidade dessas relações, devemos ter alguma ideia da natureza divina. Mas, todo mundo diz que a essência de Deus é incompreensível para o homem; ao mesmo tempo que não hesitam em atrelar atributos para este Deus incompreensível, e asseguram-nos que não podemos dispensar o conhecimento de um Deus tão impossível de se conceber. A coisa mais importante para os homens é aquilo que é o mais impossível para compreenderem. Se Deus é incompreensível para o homem, seria racional nunca pensar nEle; mas as religiões concluem que o homem é um criminoso se cessaram por um momento a sua reverência.¹⁰⁴ (MESLIER, 1878, p. 15, tradução nossa)

Diante disso, abrimos as portas para melhor entendermos a maior problemática envolvendo Jean Meslier e Voltaire, tal momento é extremamente necessário para podermos entender de forma concisa o ateísmo presente nos argumentos do padre francês, já que Voltaire,

¹⁰⁴ “No religious system can be founded otherwise than upon the nature of God and of men, and upon the relations they bear to each other. But, in order to judge of the reality of these relations, we must have some idea of the Divine nature. But everybody tells us that the essence of God is incomprehensible to man; at the same time they do not hesitate to assign attributes to this incomprehensible God, and assure us that man can not dispense with a knowledge of this God so impossible to conceive of. The most important thing for men is that which is the most impossible for them to comprehend. If God is incomprehensible to man, it would seem rational never to think of Him at all; but religion concludes that man is criminal if he ceases for a moment to revere Him.”

como veremos a seguir, costumeiramente atribuía as ações do padre à um deísmo. Portanto, diante de todas as informações já esclarecidas aqui neste trabalho, podemos dar o próximo passo para tais problemáticas envolvendo tanto Voltaire como Jean Meslier, de forma conjunta e também individual.

3.1. VOLTAIRE: PARTICIPAÇÕES E POLÊMICAS SOBRE JEAN MESLIER

François-Marie Arouet, conhecido por seu pseudônimo Voltaire, adotou essa forma de identificação muito comum na época, onde a publicação de algo que não agradasse o clero poderia levar ao exílio ou a morte, esta era uma das formas de escapar das punições. Voltaire não foi o único, isso acabou criando o que conhecemos por *Filosofia Clandestina*¹⁰⁵.

É conhecido que o filósofo Voltaire e alguns outros de sua época estiveram envolvidos em algumas deturpações em prol de fortalecer seus posicionamentos particulares, como é o caso do abordado por este trabalho, afirmado por Piva (2006), Onfray (2007) e por Minois (2014), este último, é quem tem talvez a acusação mais dura de todos os filósofos, ele afirma que a deturpação feita por Voltaire é consciente, pois o mesmo usa o nome de Meslier para divulgar suas próprias ideias, “suprimindo dos textos os trechos socialmente subversivos e ateus” (MINOIS, 2014, p. 365). Mas Piva também se posiciona sobre esta questão, que nos leva a pensar sobre o motivo de Voltaire afirmar que Meslier não era ateu, já que o ateísmo seria consequência do materialismo:

Voltaire, que ao lado de Rousseau foi um dos maiores opositores das doutrinas ateístas do seu tempo, conclui em seu *Tratado de metafísica* que a consequência necessária e principal opiniões materialistas é o ateísmo. Dito de outro modo, um materialista coerente teria de ser, no entender de Voltaire, necessariamente ateu. Holbach e Sade, dois revoltados metafísicos e aristocratas, exprimiram com perfeição tal coerência. Indiscutivelmente, ambos reiteraram como uma verdade em suas obras que Deus não existe. (PIVA, 2006, p. 56.)

A intencionalidade de Voltaire em deturpar estas e outras questões em prol de sua visão filosófica e religiosa, muito provavelmente se dá pelo fato de seu pensamento de superioridade de sua crença. Em seu dicionário filosófico ele afirma: “Ouso acreditar que [...] a princípio começamos acreditando primeiro em um só Deus, e então a fraqueza humana adotou vários; e

¹⁰⁵ Forma de publicar de ideias de forma anônima ou através de pseudônimos para escapar das punições da época, muitas vezes atribuindo também a pessoas inexistentes. Tal prática era muito comum nos anos próximos ao período do Iluminismo, por volta dos séculos XVII e XVIII.

aqui está como concebo a coisa.” (VOLTAIRE, 1822, p. 27-28, tradução nossa). Tal asserção por parte de Voltaire se dá pela argumentação para refutar o posicionamento de um bispo, dito por ele ser um “sábio muito mais filósofo, que é um dos mais profundos metafísicos de nosso tempo”¹⁰⁶ (VOLTAIRE, 1822, p. 27, tradução nossa), embora não cite nome, o qual afirmava que a religião humana começaria pelo politeísmo e passaria posteriormente ao monoteísmo. Voltaire tenta claramente negar esse processo para tentar utilizar da retórica de pureza primitiva, pensamento originário, isto fica evidente com os argumentos sempre utilizados pelo filósofo. A vontade de Voltaire em não colocar Jean Meslier como um ateu de fato se deve também a um conflito de pensamentos do filósofo, pois, ao mesmo tempo em que ele admirava o padre por suas posturas adotadas e ideias escritas, Voltaire acreditava que nenhum humano poderia ser bom sem crer em Deus, mesmo que na forma do deísmo, como vimos anteriormente neste trabalho. Tal postura é reforçada pelo filósofo brasileiro, Piva, quando traz questionamentos feitos sobre o pensamento de Voltaire:

Porque razão será impossível uma sociedade de ateus? Porque se considera que homens sem freio nunca poderiam fazer vida coletiva - viver juntos; que as leis nada podem contra os crimes secretos - ocultos -; que faz falta um Deus justiceiro que castigue, neste mundo ou no outro, os malvados que conseguiram ludibriar a justiça humana. [...] Que conclusão devemos tirar de tudo isso? que o ateísmo é coisa *monstruosa* (grifo nosso) e mui perniciosa naqueles que governam; que também o é nos homens da corte (ainda que levem uma vida inocente), porque dos seus gabinetes altos postos podem furar até os que detêm o mando e influenciá-los; que, embora não tão funesto como o fanatismo, é quase sempre fatal para a virtude. (PIVA, 2006, p. 50)

Tais pensamentos entram em negação quando comparamos com afirmações feitas por Francis Bacon¹⁰⁷ (1561-1626), mesmo que afirmados anteriormente à Voltaire. Piva traz à tona o posicionamento do filósofo inglês quando comenta sobre esta afirmação:

Bacon declara que “é preferível não ter nenhuma opinião acerca de Deus do que ter uma que seja indigna dele”, por conseguinte, admite que uma boa reputação é plenamente compatível com a descrença em deus. Ao contrário das religiões e de seus similares, o ateísmo jamais teria perturbado a paz das nações tampouco promovido barbáries, salienta o filósofo (PIVA, 2006, p. 51)

Essa postura é também corroborada pelos pensamentos de Pierre Bayle, quando defende o pensamento ateu afirmando que uma sociedade seria muito melhor estruturada se baseada na razão e nos preceitos racionalistas, do que na fé, como também aborda o filósofo brasileiro:

¹⁰⁶ “Savant beaucoup plus philosophe, qui est un des plus profonds métaphysiciens de nos jours”

¹⁰⁷ Filósofo e cientista inglês, vivido entre os séculos XVI e XVII, conhecido por seus pensamentos empíricos baseados em um método científico.

Tal apologia encontramos também em Bayle. Nos Pensamentos diversos sobre o cometa, de 1683, Bayle - cujo pensamento chegou mais próximo do protestantismo e do ceticismo do que de convicções ateístas - advoga a dignidade dos ateus conjecturando que uma sociedade seria muito mais perfeita, tanto do ponto de vista da moral quanto da razão, isto é, muito mais tolerante, honesta e feliz do que um reino conduzido por sacerdotes, supersticiosos e carolas. (PIVA, 2006, p. 51)

Na tradução feita pela Anna Knoop (MESLIER, 1878), dos extratos do testamento de Jean Meslier, transcritos por Voltaire, assim como na obra escrita por Meijer (1864), possuem uma coleção de cartas atribuídas à Voltaire e algumas outras pessoas que mantinham contato com ele, cartas enviadas e recebidas, onde podemos perceber, de certa forma, a empolgação, espanto e intenções do filósofo com determinados acontecimentos, além de sua vontade exacerbada na divulgação do testamento, a exemplo deste comportamento, é uma dessas cartas é endereçada ao conde d'Argental:

Mas nenhum passarinho me contou do livro infernal daquele cura, Jean Meslier, um trabalho muito importante para os anjos da escuridão. Um excelente catecismo para Belzebú. Saiba que esse livro é muito raro; é um tesouro!¹⁰⁸ (MESLIER, 1878, p. 144, tradução nossa)

Ao mesmo tempo em que podemos ver também a empolgação e a intenção de Voltaire sobre o testamento:

Parece que o Testamento de Jean Meslier tem um efeito muito grande; todos aqueles que leem permanecem convencidos; o homem discute e prova. Ele fala no momento da morte, no momento em que até os mentirosos falam a verdade, este é o mais forte de todos os argumentos. Jean Meslier vai converter o mundo. Porque seu evangelho está em tão poucas mãos? Quão indiferente você está para Paris! Você esconde-se sob um alqueire!¹⁰⁹ (MEIJER, 1864, p. LVII-LVIII, tradução nossa)

E posteriormente, a felicidade em afirmar que seus planos para divulgação estão correndo como previsto, além de solicitar a D'Alembert que faça o mesmo:

Há mais *Jean Meslier e Sermão dos Cinquenta* nas montanhas do que em Paris. Minha missão está indo bem e a colheita é bastante abundante. Tente o mesmo por aí para

¹⁰⁸ “But no little bird told me of the infernal book of that curate, Jean Meslier; a very important work to the angels of darkness. An excellent catechism for Beelzebub. Know that this book is very rare; it is a treasure!”

¹⁰⁹ “Il paraît que le Testament de Jean Meslier fait un plus grand effet. Tous ceux qui le lisent demeurent convaincus, cet homme discute et prouve. Il parle au moment de la mort, au moment où les menteurs disent vrai, voilà le plus fort de tous les arguments. Jean Meslier doit convertir la terre. Pourquoi son évangile est-il en si peu de mains? Que vous êtes tièdes à Paris! vous laissez la lumière sous le boisseau.”

iluminar a juventude tanto quanto você puder.¹¹⁰ (MEIJER, 1864, p. LVIII, tradução nossa)

Estes três momentos mostram o tom de importância dado por Voltaire para o testamento do padre Jean Meslier, além do valor atribuído a ele, tanto por parte do filósofo, como por parte dos outros envolvidos nas trocas das correspondências. As intenções de Voltaire ficam cada vez mais claras quando analisamos o decorrer dos diálogos, há um grande interesse não meramente para fins de conhecimento, a vontade do filósofo é de ir mais além, é de divulgar e utilizar para conversão, como fica claro em uma das cartas anteriores. Junto a isto, fica também, cada vez mais claro a necessidade em Voltaire precisar fazer algumas deturpações, talvez não tão claras durante a transcrição dos extratos, pois, quando comparados aos outros exemplares, não é encontrada grandes divergências, porém, a postura adotada por Voltaire durante os diálogos das cartas, torna-se mais evidente a partir do momento em que analisamos de forma cada vez mais profunda.

A empolgação de Voltaire em alguns momentos mostra um certo grau de êxtase que em determinadas situações parece atrapalhar a real compreensão do testamento do padre, em outros momentos é claramente visto uma intencionalidade a fim de atingir seus objetivos, como podemos observar em uma das cartas enviada a D'Alembert em fevereiro de 1762, a forma como Voltaire parece estar mais interessado em refutar o possível ateísmo existente no testamento do padre:

Foi impresso na Holanda o testamento de Jean Meslier, é apenas um pequeno extrato do testamento do padre. Me estremei ao ler. O testamento de um padre que, morrendo, pede perdão à Deus por ensinar o cristianismo, pode colocar um grande peso na balança dos libertinos. Vou lhe enviar um exemplar do Testamento do Anticristo, porque você vai querer refutar. Você só precisa me dizer como quer que ele chegue até você, está escrito com uma simplicidade grosseira, infelizmente, na qual se assemelha com franqueza.¹¹¹ (MEIJER, 1864, p. LIV, tradução nossa)

Toda essa problemática envolvendo Voltaire nos faz despertar ainda mais o interesse e a necessidade em pensar sobre as posturas adotadas por Jean Meslier. Sabemos que definir e enquadrar alguém em quaisquer que seja o rótulo é algo bem complexo, porém, neste momento

¹¹⁰ “Il y a d'ailleurs plus de Jean Meslier et de Sermon des Cinquante dans l'enceinte des montagnes qu'il n'y en a à Paris. Ma mission va bien, et la moisson est assez abondante. Tâchez dede votre côté d'éclairer la jeunesse autant que vous le pourrez.”

¹¹¹ “On a imprimé en Hollande le Testament de Jean Meslier, ce n'est qu'un très petit extrait du Testament de ce curé. J'ai frémi d'horreur à la lecture. Le témoignage d'un curé qui, en mourant, demande pardon à Dieu d'avoir enseigné le christianisme, peut mettre un grand poids dans la balance des libertins. Je vous enverrai un exemplaire de ce Testament de l'Antéchrist, puisque vous voulez le réfuter. Vous n'avez qu'à me mander par quelle voie vous voulez qu'il vous parvienne, il est écrit avec une simplicité grossière qui, par malheur, ressemble à la candeur.”

é fundamental e essencial tal ação, haja visto que temos a necessidade de entender de fato o ateísmo não só como movimento filosófico, além de teológico, mas também a presença dele nos pensamentos e argumentos do padre francês. Todos esses fatores nos fazem questionar sobre a existência explícita do ateísmo no indivíduo em questão, seria mesmo de fato um ateísmo ou apenas um deísmo? Ou até mesmo uma forma de religiosidade diferente do costumeiro até presente momento, como é sabido que ocorria em diversos locais da Europa o forte surgimento do protestantismo.

Diante disto, temos tudo o que é necessário para iniciarmos nosso próximo momento de reflexão, a respeito do pensamento de Jean Meslier com relação ao ateísmo explícito.

3.2. TEÍSMO, DEÍSMO OU ATEÍSMO?

Como vimos anteriormente neste trabalho, a questão da problemática do debate sobre religião ser bem conturbada inclusive nos dias atuais, além do fato de na época do padre francês algumas definições e entendimentos serem totalmente diferentes das atuais, separaremos aqui o processo de análise do ateísmo de Jean Meslier em três perspectivas distintas. Como primeira perspectiva faremos uma análise dos argumentos e posicionamentos do padre através de seus próprios conceitos expostos e apresentados em seu testamento. Como segunda perspectiva, uma análise através de conceitos e definições utilizados por outros pensadores da época. E em terceira e última perspectiva, através das definições mais contemporâneas dos termos, no qual vimos no início deste trabalho, a fim de demonstrar que o ateísmo presente em Jean Meslier permanece mesmo com o passar dos anos e a modificação de algumas noções. Para finalizar, faremos junto a este processo uma análise sobre qual sentido estamos no referindo tais análises, se em sentido estrito do termo, como cristianismo católico europeu, ou em sentido amplo, como as demais formas de posicionamentos e visões religiosas dogmáticas. Conscientes destes critérios adotados, podemos fazer esta análise geral sobre o padre Jean Meslier sem o receio de cometermos quaisquer equívocos ou más interpretações devido a algum anacronismo dos termos, perspectivas incoerentes, sentidos utilizados ou óticas observadas. Tendo tudo isto bem claro e explicitado podemos então realizarmos nossa abordagem sobre o padre.

Piva, Onfray e Minois, e outros autores afirmam que Meslier seria “O Primeiro Ateu” de forma explícita que haja possibilidade de se identificar como tal através de seus argumentos, ou seja, de forma explícita, levando em conta o sentido de ateísmo como vimos aqui, excluindo seus sentidos pejorativos, o que não há possibilidade de fazer com outros anteriores à ele.

O ateísmo em Jean Meslier é uma questão que por muito tempo foi tratado como um deísmo, este mérito deve-se à Voltaire, pois como vimos anteriormente, Minois (2014) e Piva (2011) afirmam que diretamente o ateísmo em Jean Meslier é transformado em deísmo graças às deturpações criadas por Voltaire, pois, simplesmente abominava os posicionamentos filosóficos do padre, o ateísmo, o materialismo e o comunismo, sendo assim, não queria que os mesmos se espalhassem pelas consciências dos seus contemporâneos, apenas o que lhe fosse útil para enfraquecer o cristianismo tradicional daquela época e fortalecer seus pensamentos com relação ao deísmo, seus entendimentos referentes ao teísmo em seu estado puro e da religião natural.

Voltaire parece utilizar de pequenas e isoladas ideias escritas pelo padre, para querer justificar um possível deísmo em Jean Meslier. Outra questão muito importante que vale salientar, como afirma Piva (2006), complementando posicionamentos do autor Lucien Febvre¹¹² (1878-1956) feitas sobre o período em que viveu o filósofo François Rebelais¹¹³ (1494-1553), havia um grande problema linguístico com determinados termos, onde ele elenca uma grande quantidade de palavras muito importantes neste tipo de debate:

No século de Rebelais não havia a noção de um natural em contraposição a um sobrenatural. [...] Para se ter uma ideia da dimensão dessa penúria linguística e conceitual, palavras como "absoluto", "relativo", "concreto", "abstrato", "virtual", "sensitivo" e "transcendental" faziam parte do vocabulário dos homens do século XVI apenas como meros e superficiais adjetivos. Outros vocábulos tão caros à filosofia como "causalidade", "conceito", "critério", "síntese", "dedução" e "intuição" jamais foram pronunciados por Rebelais, ao que tudo indica com o mesmo peso e profundidade que exprimiram nos séculos posteriores ao século XVI e que exprimem hoje. A título de curiosidade, vale ainda mencionar que "sistema", "racionalismo", "deísmo", "teísmo", "materialismo", "naturalismo", "fatalismo", "determinismo", "ortodoxia", "idealismo", além de panteísmo e pessimismo, são jargões filosóficos relativamente recentes, ou seja, concebidos filosoficamente somente a partir dos séculos XVIII e XIX. (PIVA, 2006, p. 48)

Sabe-se que ainda nos dias de hoje muitos desses termos por diversas vezes necessitam de explicações minuciosas ou até mesmo há conflito de ideias quanto as suas definições, portanto, quatro séculos atrás a situação com certeza era bem mais complexa. Mesmo com tais limitações podemos encaixar o padre Jean Meslier em uma das definições de ateísmo que vimos neste trabalho. Independente das dificuldades encontradas com definições de alguns termos para este período da história, Meslier dá claros indícios de em qual tipo de ateísmo ele se encontra, trabalhando em cima de seus argumentos sobre religião, crença, medo, teísmo,

¹¹² Historiador modernista francês que viveu durante os séculos XIX e XX.

¹¹³ Padre, médico e escritor francês durante o período do renascimento, vivido entre os séculos XV e XVI.

espíritos, espiritualidade, transcendentalismo, controle, manipulação, racionalismo, materialismo, poder, dominação, etc., todos estes (e outros) termos podem e serão utilizados como palavras chave para identificarmos sua postura.

Baseado no que foi trabalho até aqui, não resta dúvida quanto a postura adotada por Meslier, e neste momento abordaremos esta questão. Como vimos no decorrer da construção deste trabalho, algumas abordagens feitas pelo padre podem ser vistas como um deísmo ou um teísmo no sentido que adota Voltaire, como forma de uma religião natural e pura, em alguns momentos tais abordagens podem ser tomadas inclusive como uma forma de protestantismo, já o reforma protestante estava em grande evidência na época e pode de certa forma ter influenciado vários dos pensamentos de Jean Meslier, porém, em momentos cruciais e situações pertinentes, o padre nos faz perceber que a crença na inexistência divina, assim como seus demais aspectos é evidente. Quando ele afirma que a espiritualidade é quimera, assim como acreditar em Deus é nutrir-se de quimeras, tais afirmações já nos deixa claro de qual mensagem o padre tenta nos passar, e em nenhuma delas o deísmo ou qualquer forma de teísmo está incluso, já que qualquer forma de religião, mesmo que em forma de uma religiosidade ateia, necessidade de um crença mínima em alguma forma de espiritualidade, mesmo que em conceitos não ortodoxos ou muito claros, mas há essa necessidade. Portanto, logo de início já descartamos a possibilidade de qualquer forma de crença explícita por parte do padre francês, o que já nos faz entendê-lo como um ateu de fato, em sentido estrito, concluindo parte do objetivo de nosso trabalho.

Por motivos óbvios, pularemos a abordagem quanto à Meslier sobre o Ateísmo 1.1, o Ateísmo Natural, pois o padre não se enquadra em nenhum dos pré-requisitos para ser encaixado neste tipo de ateísmo. Entendendo então que de fato há a existência de um ateísmo em Meslier, vamos adiante na tentativa de identificar em qual dos outros três tipos de ateísmo pertence o pensamento do padre, para entendermos melhor suas posturas adotadas. Por diversos momentos o padre nos faz questionar quanto a sua postura afirmativa, permanecendo em evidência na grande maior parte do tipo apenas uma crítica direta ao cristianismo e a dúvida quanto à existência de Deus e os demais atributos divinos. Sua forma de catequese baseado na virtude, quando ele afirma acreditar apenas na existência da virtude, e suas afirmações sobre a dúvida da existência apenas um único deus, como a do Deus cristão, só fortalecem esse questionamento quanto à um Ateísmo Negativo, ou seja, baseado na **não crença na existência de Deus**. Tais posturas adotadas pelo padre nos fazem questionar sobre a possibilidade de encaixá-lo no Ateísmo 1.2, ou seja, o ateísmo de posicionamento implícito, argumento negativo e ótica passiva, o Ateísmo Prático.

Ao continuarmos analisando as posturas explicitadas pelo padre em seu testamento vamos percebendo que a situação vai tomando outro rumo, seus argumentos vão possuindo uma conotação mais pesada, agressiva e cada vez mais explícita quando o padre passa a questionar sobre a existência de Deus e afirmar que a ciência adotada pela teologia para explicar sua existência é falha, ineficiente, mentirosa e inexistente. Essa postura argumentada pelo padre, somada a tantas outras encontradas em seus escritos, no faz inclinar o enquadramento de Meslier cada vez mais para um ateísmo de forma explícita, neste momento um Ateísmo 2.1, ou seja, o ateísmo de posicionamento explícito, argumento positivo e ótica passiva, o Ateísmo Passivo.

Porém, quanto mais avançamos em nossas análises, percebemos que pelos mesmos argumentos que categorizam o padre como um ateu, a afirmação da inexistência da espiritualidade, seu desdém com a metafísica e acreditar que em Deus é nutrir-se de quimeras, os ataques diretos à igreja cristã, assim como às religiões no geral, suas afirmações de que crer em deus é submeter-se a tudo o que a Igreja afirma, a falsidade da revelação divina, assim como afirmar que o maior (e melhor) atentado contra a religião cristã é utilizar da filosofia, quando ele formula sobre os quatro maiores pecados contra fé e incentivá-lo. Além de todos estes fatores, as virtudes religiosas¹¹⁴ são ironicamente tratadas com desdém quando ele afirma que a forma de combater a filosofia e os pecados originários dela é utilizando a teologia, a qual prega o amor do preconceito e o fanatismo, além de colocar Jesus Cristo neste mesmo patamar, de um fanático a ser combatido. Somando a tudo isto, seus argumentos sobre o motivo de se guardar o domingo, sua afirmação de que amar a Deus é amar um tirano que só se importa com causas secundárias e que amar algo que não existe (Deus) é algo impossível de ser praticado. Todos esses argumentos, somados a diversos outros que pudemos expor aqui e por fim uma das suas mais icônicas frases deixadas em seus escritos, pedindo distância a todos os religiosos, acusando-nos de serem charlatões, que vendem palavras sem sentidos a preço de ouro. Todos esses fatores o enquadram como uma forma de ateísmo explícita não apenas em conceitos antigos, mas em conceitos filosóficos contemporâneos, e também não apenas em sentido estrito, devido a forma como padre lida com o entendimento acerca da definição de Deus e dos seus argumentos de forma ampla, portanto, Meslier se encaixa perfeitamente na definição do Ateísmo 2.2, ou seja, o ateísmo de posicionamento explícito, argumento positivo e ótica ativa, o Ateísmo Ativo.

¹¹⁴ Aqui também em sentido estrito ao cristianismo

Portanto, baseado em tudo o que foi abordado neste trabalho, assim como nos argumentos, posturas, perspectivas, filosofias e teologias utilizadas pelo padre francês, podemos afirmar que ele se enquadra como um Ateu Explícito em sentido Amplo, pois o mesmo afirma a inexistência de divindades das formas mais abrangentes e explícitas, além de todas as outras questões que já vimos neste trabalho, como transcendentalismo, espírito, espiritualidade, etc. sem dar margem à dúvidas nas interpretações a medida que nos aprofundamos em seu conhecimento e seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos então, que o ícone do padre ateu, Jean Meslier, é de extrema importância para se entender o ateísmo como movimento filosófico, suas influências de pensamento afetaram diretamente as definições de ateísmo. A ruptura conceitual e temporal do termo *ateísmo/ateu* empregado na prática, se deve a tais influências, claro que não apenas as suas, tal distinção entre ateísmo antigo e contemporâneo (filosófico) é resultante de um conjunto de pensamentos tidos entre os séculos XVI e XVIII.

Junto à esta problemática quase sem fim, pudemos perceber a existência de uma outra que aparenta ser ainda mais infinita, o debate sobre o termo *religião*, necessário para entender as noções religiosas, até mesmo ateias, é algo que precisa ser construído com muita cautela e dedicação. A abordagem quanto ao termo, neste trabalho, se mostrou necessária para entendermos quem mesmo com diversas definições possíveis, nas mais diversas épocas, o pensamento do padre Jean Meslier não sofre quaisquer dificuldades em se encaixar onde está, como um ateísmo em sentido amplo. Muito disso se deve à *revolta metafísica* empregada pelo padre, tal revolta não se prende apenas ao campo metafísico, mas também ao social, religioso, filosófico e moral, como pudemos ver através das afirmações do padre, afirmações que à primeira vista podem parecer de certa forma chocantes.

A abordagem sobre os termos *teísmo*, *deísmo* e o conceito de religião natural também se mostraram necessários para o entendimento de toda essa construção do pensamento em Jean Meslier, devido ao contexto em que sua época esteve inserida, todos esses fatores são motores de posicionamento na mente de quem ali viveu, como parte do clero, e de certa forma de uma elite minoritária, tais influências são marcantes na construção dos pensamentos e argumentos do homem literário e letrado, já que em tal período é sabido que os índices de analfabetismo são absurdamente altos, desta forma, sua forma de pensar alimentada por essas influências também são influenciadores deste meio no qual está inserido, fazendo com que suas posturas sejam pensadas e repensadas por Voltaire e outros pensadores que o abordaram.

Seus posicionamentos de indignação e constante ataques verbais ao cristianismo, às religiões, ao transcendentalismo e quaisquer pensamentos metafísicos se devem ao seu extremo materialismo, suas críticas ao cristianismo por muitas das vezes pegam carona com a onda protestante em constante ascensão na Europa inteira, fortalecendo ainda mais suas posturas socialistas. A insatisfação por parte dos crescentes movimentos protestantes dentro do cristianismo faz dar voz a tudo que o indivíduo comum, longe da elite, reivindicava e lutava a muito tempo, sem sucesso.

Pudemos entender também a forma como os posicionamentos adotados por Meslier foram se moldando, suas argumentações, refutações, acusações, etc. vão sendo construídas ao longo do processo. Suas negações metafísicas, suas afrontas ao clero e ao transcendental, suas afirmações de inexistência do espírito e da espiritualidade, as atrocidades praticadas pelos indivíduos da elite, assim como suas insatisfações com as tiranias e o absolutismo do estado. Vimos como pensa Meslier no cotidiano filosófico, o uso de seu racionalismo extremo sob influência de Descartes como motor de fortalecimento para seu já fortíssimo pensamento materialista, acabando por desenvolver até mesmo uma espécie de evolucionismo primitivo. Suas argumentações sobre o controle do medo como arma de manipulação para um indivíduo mentalmente enfraquecido e perturbado, a impossibilidade da noção de Deus como conceito racional e inteligível, e a impossibilidade de Sua existência, assim como a afirmação da absurdidade de tal existência. Percebemos também a forma como o conceito de natural e natureza influencia o pensamento do padre francês, colocando como centro de construção do pensamento o mundo observável, empírico e cientificista.

Podemos perceber também que devido a Voltaire o padre pôde ser evidenciado no conhecimento filosófico, que embora, segundo alguns autores que vimos neste trabalho, tenha utilizado de má fé para deturpar suas posturas, acabou criando um efeito positivo, pondo o padre em evidência no conhecimento do mundo, principalmente com relação aos primeiros passos para a tolerância religiosa, que ainda é algo inalcançado como se deveria até nos dias atuais, nos fazendo entender que essa problemática ainda tem muito o que ser abordado futuramente, não apenas quando nos referimos diretamente ao cerne do ateísmo mas também quando tratamos de fato com a liberdade de expressão e de crença. Tais abordagens feitas neste trabalho também nos faz perceber que mesmo Voltaire afirmando não haver possibilidades de uma sociedade justa e boa sem Deus, seus argumentos e valores expostos acabam por fundamentar uma postura de tolerância religiosa, de crença e pensamento da mesma forma que os escritos do padre Jean Meslier, mesmo que tal liberdade seja tratada de forma primária devido ao contexto em que vivia, suas contribuições foram de extrema importância, já que o mesmo baseava as qualidades do homem na virtude e moral pública, excluindo (neste aspecto) a religiosidade privada.

Diante de todo esse conjunto de argumentos que nos deparamos no decorrer deste trabalho, podemos então afirmar um ateísmo explícito em Jean Meslier, com base em todas as abordagens feitas sobre as definições dos ateísmos existentes no entendimento humano, assim como as feitas sobre deísmo e teísmo, claramente podemos encaixá-lo no pensamento ateu tanto no contexto dos séculos pré-XVII quanto pós, entendendo o ateísmo presente no padre

como um Ateísmo explícito, afirmativo e em sentido amplo, pois expressa sua crença na inexistência da metafísica, do transcendental e divina não apenas isolada à uma religião em específico, mas se tratando em contexto generalizado das mais formas de definição de religião. Apesar do filósofo francês, Voltaire, afirmar que Jean Meslier fosse deísta, vimos claramente que sua argumentação se inclina vertiginosamente para o ateísmo, excluindo inclusive a possibilidade de um teísmo em seu estado puro, como abordado por Voltaire, ou o deísmo. Esta percepção torna-se mais evidente ainda pela forma como o padre argumenta sobre a questão da crença, do medo, da igreja, do clero, da religião como instituição cristã e em sentido geral, podemos perceber que seu ateísmo se encaixa no sentido mais intuitivo da palavra, no da negação às religiões, às crenças, à espiritualidade e ao transcendental.

REFERÊNCIAS

ASAD, T. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 08 Dezembro, 2010.

BETTS, C. J. **Early Deism in France**: From the so-called ‘déistes’ of Lyon (1564) to Voltaire’s ‘Lettres philosophiques’ (1734). The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1984.

CANCIAN, A. **Ateísmo & Liberdade**: uma introdução ao livre-pensamento. [S.l.]: ADC, 2002.

CARVAKA. Social Sciences, 2011. Disponível em: <<http://www.socialsciences.in/article/carvaka>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

CARVAKA. UNESCO Lecture: New Delhi, 1998. Disponível em: <<http://www.humanistictexts.org/carvaka.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

COMTE-SPONVILLE, A. **El alma del ateísmo**: Introducción a una espiritualidad sin Dios. Barcelona: Paidós, 2006.

DA SILVA, L. **Correlações entre sentido de vida e espiritualidade sob a ótica do discurso do sujeito coletivo ateu**. João Pessoa: UFPB, 2016.

DESNÉ, R.; DEPRUN, J.; SOBOUL, A. **Œuvres complètes**: Mémoire des pensées et sentiments de Jean Meslier. Paris: Anthropos, 1970. 3 v.

DOMMANGET, M. **Le curé Meslier**: athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV. Paris: Julliard, 1965.

FÉNELON, F. **Traité de l'existence et des attributs de dieu**. Paris: Librairie classique d'eugène belin, 1878.

FOZDAR, J. K. The God of Buddha. In: MARTIN, M. Um mundo sem Deus: Ensaio sobre o Ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010.

FURETIÈRE, A. **Dictionnaire Universel**: Contenant généralement tous les mots François, tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts. 2 ed. Haye: Rotterdam, 1701. 3 v.

LUBBOCK, J. **The origin of civilisation and the primitive condition of man**: Mental and social condition of savages. 5 ed. New York: D. Appleton and Company, 1898.

MAC DOWEL, J. A. **Filosofia da Religião**: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico. Revista Interações. Cultura e Comunidade. V. 6, n. 10, 2011. p. 17-49. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6199/5725>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MANGUEIRA, B. **Ateísmo e Filosofia**: Sentido filosófico e histórico. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MARTIN, M. **Um mundo sem Deus**: Ensaio sobre o Ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010.

MEIJER, R. C. **Le testament de Jean Meslier**: Curé D'Étrepigny et de but en Champagne, décédé en 1733. Amsterdam: À la librairie étrangère, 1864. 3 v.

MESLIER, J. **Catéchisme du curé Meslier**. [S.l.: s.n.], 1790. 55 p.

MESLIER, J. **Superstition in All Ages (1732)**: Common Sense. New York: [s.n.], 1878. 140 p.

MESLIER, J. **Testament de Jean Meslier**. [S.l.: s.n.], 1742. 64 p.

MESLIER, J. Testamento de Jean Meslier. In: SCHÖPKE, R. (Org.); BALADI, M. (Org.). **Filosofia Clandestina**. Edição, tradução e notas por Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 2.

MINOIS, G. **História do Ateísmo**: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. Tradução de Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

NASCIMENTO, M. G. S. **O estranho testamento de um vigário de província**: as memórias de Jean Meslier. Trans/Form/Ação, Marília, v. 8, p. 71-77, 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731985000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2017.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

ONFRAY, M. **Tratado de ateologia**: física da metafísica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PIVA, P. J. **Ateísmo e revolta**: os manuscritos do Padre Jean Meslier. São Paulo: Alameda, 2006.

SCHÖPKE, R. (Org.); BALADI, M. (Org.). **Filosofia Clandestina**. Edição, tradução e notas por Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2008-2011. 2 v.

SOUZA, D. A. D. **O Desencantamento do Mundo**. PUC-SP, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/viewFile/13187/9712>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

TAMAGNONE, C. **Ateísmo filosofico nel mondo antico**: Religione naturalismo materialismo atomismo scienza, La nascita della filosofia atea. Firenze: Clinamen, 2005.

VIOLATTI, C. **Charvaka**. Ancient History Encyclopedia, 2014. Disponível em: <<http://www.ancient.eu.com/Charvaka/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VOLTAIRE. **Dictionnaire Philosophique**. Paris: [s. n], 1822. 8 v.

WEBER, M. **Interpretação racional e causalidade histórica**. Tradução de Artur Morão. Lusosofia: Textos clássicos de filosofia, 2010.